

**UNIVERSIDADE DO EXTREMO SUL CATARINENSE - UNESC**

**CURSO DE HISTÓRIA**

**TAMIRES SIMÕES PINTO**

**POR TRÁS DO PICADEIRO: AS INFÂNCIAS DAS CRIANÇAS QUE MORAM E  
TRABALHAM EM CIRCO**

**CRICIÚMA - SC**

**2014**

**TAMIRES SIMÕES PINTO**

**POR TRÁS DO PICADEIRO: AS INFÂNCIAS DAS CRIANÇAS QUE MORAM E  
TRABALHAM EM CIRCO**

Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado para obtenção do grau de Bacharel e Licenciado no curso de História da Universidade do Extremo Sul Catarinense, UNESC.

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup>. Marli de Oliveira Costa.

**CRICIÚMA - SC**

**2014**

**TAMIRES SIMÕES PINTO**

**POR TRÁS DO PICADEIRO: AS INFÂNCIAS DAS CRIANÇAS QUE MORAM E  
TRABALHAM EM CIRCO**

Trabalho de Conclusão de Curso aprovado pela Banca Examinadora para obtenção do Grau de Bacharel e Licenciado, no Curso de História da Universidade do Extremo Sul Catarinense, UNESC, com Linha de Pesquisa em História da Infância.

Criciúma, 02 de dezembro de 2014.

**BANCA EXAMINADORA**

---

Prof. (a) Marli de Oliveira Costa – Doutora – UNESC – Orientadora

---

Prof. (a) Michele Gonçalves Cardoso - Mestre - UNESC

---

Prof. (a) Daiane Nagel Acordi- Mestre - UNESC

**Dedico esse trabalho a todos os artistas circenses, em especial às crianças, para que se sintam orgulhosas de fazerem parte dessa cultura.**

## **AGRADECIMENTOS**

Com extrema felicidade agradeço a todos que se fizeram presentes ao longo dessa minha caminhada. Primeiramente a minha família, meu pai Edmilson, minha mãe Mariléia e minha irmã Letícia, que sempre estiveram ao meu lado em busca das minhas realizações. Aos meus pais em especial por terem me educado com muito amor, pois sem eles eu não chegaria até aqui. E também minha madrinha Vaneide, por estar sempre presente em minha vida torcendo pelas minhas conquistas.

À minha amiga Raiany Pescador, que eu tive o privilégio de conhecer no curso de História e que esteve comigo ao longo desses quatro anos, em vivência acadêmica e pessoal, sempre me apoiando, participando das minhas alegrias e angústias. À minha amiga Cinara Gomes, que também tive a honra de conhecer no curso de história, pelas conversas descontraídas, trocas de conhecimento e estar sempre disposta a me ajudar.

À todos os meus amigos que contribuíram de alguma forma para que esse trabalho fosse possível, em especial as minhas amigas Vanessa Zardin, Michele Quarti, Michele Beppler e Sonia de Freitas, pelas palavras de encorajamento, pelo companheirismo, pelo apoio de seguir em frente e por estarem sempre ao meu lado.

A todos os artistas que fazem parte desse estudo, tanto os que foram entrevistados pela professora Marli, quanto os que eu entrevistei, por terem sido tão receptivos e terem colaborado diretamente com essa pesquisa.

Agradeço também a todos os professores que encontrei na minha formação, pelos quais eu tenho muito respeito e admiração, que compartilharam comigo seus saberes e que mudaram meu modo de ver a vida, tanto profissional quanto pessoal.

A professora Michele Gonçalves Cardoso e a professora Daiane Nagel Acordi, por terem aceitado fazer parte da minha banca. E principalmente à professora e minha orientadora Marli de Oliveira Costa, que com sua paciência e dedicação me norteou nessa pesquisa e foi a principal responsável para que ela acontecesse.

**“Para poder estudar a criança, é preciso tornar-se criança”.**

**Roger Bastilde**

## RESUMO

O presente estudo aborda as experiências de vida de algumas crianças que habitam e trabalham em dois circos: O “Vostok” e o “Arena Romana”. O objetivo desse trabalho é oferecer visibilidade a infância circense, pelas vozes das crianças que fazem parte desse contexto. A metodologia utilizada foi a história oral temática. Entrevistas foram realizadas, gravadas e transcritas, totalizando seis entrevistas. Além das entrevistas foi realizada uma revisão bibliográfica pertinente para compreensão da temática. As principais categorias analisadas foram: Infância, cultura e cultura popular. Percebe-se por meio desse estudo que as crianças que vivem em circo possuem um jeito próprio de lidar com o corpo, de se relacionar na escola e apropriar-se do espaço circense para viver suas infâncias.

**Palavras-chave:** Circo. Infância. Crianças. Culturas Populares.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - Identificação das crianças entrevistadas.....	22
Figura 2 - Luíza, Bruna e Gabriele em trabalho escolar, realizando junto com sua classe uma apresentação na escola. ....	33
Figura 3 – Ensaio de Otávio e seu pai .....	34
Figura 4 - Apresentação das artes circenses .....	41



## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO .....</b>	<b>9</b>
<b>2 CIRCO: UMA REPRESENTAÇÃO DAS CULTURAS POPULARES.....</b>	<b>15</b>
2.1 CULTURAS POPULARES E O CIRCO.....	16
<b>3 AS CRIANÇAS FALAM: HISTÓRIAS DE VIDA DE CRIANÇAS CIRCENSES EM SUAS FAMÍLIAS E SEU TRABALHO.....</b>	<b>22</b>
3.1 AS CRIANÇAS E SUAS FAMÍLIAS.....	25
3.2 O TRABALHO DAS CRIANÇAS NO CIRCO.....	29
<b>4 AS CRIANÇAS FALAM: HISTÓRIAS DE VIDA DE CRIANÇAS CIRCENSES SOBRE SUAS BRINCADEIRAS E SUA EDUCAÇÃO.....</b>	<b>37</b>
4.1 CRIANÇAS CIRCENSES E SEUS SEUS BRINQUEDOS E BRINCADEIRAS. ...	37
4.2 AS CRIANÇAS FALAM DA ESCOLA.....	39
<b>5 CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>45</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>47</b>

## 1 INTRODUÇÃO

O presente estudo busca compreender as experiências de algumas crianças que vivem e trabalham em circo. Denominamos sua infância de “infância circense”. Por meio das falas das crianças entrevistadas buscou-se observar, como as mesmas percebem suas vidas no interior do território circense.

O interesse pelo tema surgiu, quando a professora Marli de Oliveira Costa apresentou-me entrevistas que foram realizadas no primeiro semestre de 2013, no período em que recebeu alunos e alunas artistas do Circo “Vostok” em sua classe, de 5º ano da E.M.E.I.E. F Moacyr Jardim de Menezes, localizada em Criciúma, Santa Catarina.

Ouvindo essas entrevistas entrei em contato com falas de crianças que ao narrarem suas vidas no circo traziam elementos que se distanciavam da ideia de infância, idealizada pela modernidade. As crianças que vivem no circo trabalham. Além de espetáculos, os ensaios são rigorosos e quanto à educação trocam de escola constantemente, de acordo com a necessidade da rotatividade dos circos.

Diante dessa observação encontrei como problema da pesquisa do presente Trabalho de Conclusão de Curso - TCC a seguinte questão: Em que aspectos a infância das crianças circenses se diferenciam das crianças das cidades?

Desse modo o objetivo principal desse estudo é oferecer visibilidade a vida das crianças que atuam em circo, respectivamente no circo “Vostok” e “Arena Romana” por meio de suas falas.

A metodologia utilizada foi a história oral temática, uma vez que, busca-se conduzir a entrevista a partir de seu recorte temático, ou seja, seleciona-se os temas a serem abordados durante as entrevistas. Por isso, antes das entrevistas foi desenvolvido um roteiro, a partir de um conhecimento prévio e das informações que se desejava obter. “[...] De acordo com o objeto de estudo, com as preocupações e interesses do pesquisador”<sup>1</sup>

Segundo José Carlos Sebe Bom Meihy: “Há projetos temáticos que combinam algo de história oral de vida. Nestes casos, o que se busca é o enquadramento de dados objetivos do depoente com as informações colhidas”.<sup>2</sup>

---

<sup>1</sup>ABRÃO, Janete. **Pesquisa & História**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2007.p.25.

<sup>2</sup>MEIHY, José Carlos Sebe Bom. **Manual de História Oral**. 5.ed. São Paulo: Edições Loyola, 2005, p. 165

Desse modo, buscou-se obter informações sobre as vidas das crianças artistas de circo, de acordo com temáticas relacionadas ao cotidiano delas.

Por se tratar de crianças, optou-se pela preservação de suas identidades, conferindo-as nomes fictícios. Foram entrevistados para esse estudo seis crianças dos circos “Vostok” e “Arena Romana” e também o pai e o primo do menino Otavio, do circo “Arena Romana”. A professora Marli concedeu-me também depoimentos, sobre suas experiências com as crianças do circo “Vostok” que foram seus alunos.

Além das entrevistas obtive contato inicialmente com o Trabalho de Conclusão de Curso do egresso do curso de História da UNESCO, Diogo Zomer Perin<sup>3</sup>, que também direcionou sua pesquisa para o interior das “lonas”. Posteriormente, fez-se necessário revisar a história do circo brasileiro.

Para compreender a infância circense, ao menos a infância das crianças entrevistadas foi essencial elencar, estabelecer algumas categorias de análise, as principais foram: história e concepções de infância, cultura popular, memória e história oral.

Esse trabalho, não apresenta um recorte temporal, os sujeitos pesquisados fazem parte da temporalidade em estudo, possibilitando-me inclusive o contato direto com eles. Portanto trata-se de uma contribuição a história do tempo presente. De acordo com Arnaldo Erico Huff Junior:

[...] a história do tempo presente é uma história da duração, não do instante, o que permite problematizar historicamente as pesquisas e distinguir-se de trabalhos jornalísticos, por exemplo.<sup>4</sup>

Ao problematizar as memórias das crianças circenses entrevistadas, busquei pensá-las como sujeitos históricos. Pode-se dizer que a cultura circense, embora com adaptações as exigências dos tempos atuais, tem uma continuidade no tempo em que estamos.

Trabalhar com tempo presente não é apenas trabalhar com testemunhos orais, mas sim com fontes vivas e como Eduardo Machado afirma, em seu estudo

---

<sup>3</sup>PERIN, Diogo Zomer. **Respeitável Público**: Nos picadeiros da vida, lembranças de palhaços - 1950 a 1980. 2013. Trabalho de Conclusão de Curso. (Graduação em História) – Universidade do Extremo Sul Catarinense, Criciúma. p.15.

<sup>4</sup>HUFF JÚNIOR, Arnaldo Érico. Campo religioso brasileiro e História do Tempo Presente - Anais do II Encontro Nacional do GT História das Religiões e das Religiosidades. **Revista Brasileira de História das Religiões**. São Paulo, v.1, n.3, 2009. p.8. Disponível em: <[http://www.dhi.uem.br/gtreligiao/rbhr/camporeligioso\\_brasileiro\\_e\\_historia\\_do\\_tempo\\_presente.pdf](http://www.dhi.uem.br/gtreligiao/rbhr/camporeligioso_brasileiro_e_historia_do_tempo_presente.pdf)>. Acesso em: jun.2014.

sobre a história do tempo presente, que esse tipo de documento também não é uma novidade. Segundo ele na Antiga Grécia já se utilizava fontes orais e memórias, evidentemente a forma como ambas são utilizadas mudou muito<sup>5</sup> O autor problematiza também o papel do historiador ao realizar esse tipo de história, pois “estudar o tempo presente na história é cravar no solo do seio que cria o questionamento uma reflexão do que se vive, sendo que isto, a *posteriori*, vai ser encarado como passado do presente”.<sup>6</sup>

Considerada a responsabilidade de trabalhar com a história do tempo presente e tendo em mãos entrevistas concedidas pela professora Marli de Oliveira Costa as transcrevi juntamente com as entrevistas que realizei no circo “Arena Romana”. A utilização das fontes orais está diretamente ligada às memórias, oferecendo voz a sujeitos excluídos da história oficial. Paul Thompson salienta a importância da história oral e da necessidade de “[...] preservar a memória física e espacial, como também descobrir e valorizar a memória do homem”.<sup>7</sup>

Para compreender os testemunhos obtidos com a história oral é necessário compreender a categoria memória. Segundo Le Goff a memória é essencial para o desenvolvimento da história e pode ser definido como:

[...] Propriedade de conservar certas informações, remete-nos em primeiro lugar a um conjunto de funções psíquicas, graças às quais o homem pode atualizar impressões ou informações passadas, ou que ele representa como passadas.<sup>8</sup>

José Carlos Sebe Bom Meihy destaca a importância de documentar as memórias, sejam elas individuais ou coletivas, para que elas tenham sentido como tema para história<sup>9</sup>. Mas apesar da relação entre história oral e memória, o autor ressalta a distinção entre ambas.

[...] A memória tem sido considerada um espaço no qual o repertório sobre as versões do passado ainda não ganhou a dimensão escrita possibilitada pela história oral. Isso acarreta cuidados na consideração dos trabalhos

<sup>5</sup>MACHADO, Eduardo de Andrade. História do Tempo Presente: um desafio possível. **Revista Eletrônica Boletim do Tempo**, Ano 5, Nº06, Rio, 2010. p.s/n. Disponível em: <[http://tempopresente.org/index.php?option=com\\_content&view=article&id=5310:historia-do-tempo-presente-um-desafio-possivel&catid=36&Itemid=127](http://tempopresente.org/index.php?option=com_content&view=article&id=5310:historia-do-tempo-presente-um-desafio-possivel&catid=36&Itemid=127)>. Acesso em: jun.2014.

<sup>6</sup>Ibidem. p.s/n.

<sup>7</sup>THOMPSON, Paul. **A voz do passado**. São Paulo: Paz e Terra, 1992. p.17.

<sup>8</sup>LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1996. p.423.

<sup>9</sup>MEIHY, José Carlos Sebe Bom. **Manual de História Oral**. 5.ed. São Paulo: Edições Loyola, 2005, p.62.

escritos sobre memória. Também é importante lembrar que não é por estar escritos que os trabalhos com memória se tornam história. Os projetos de história oral promovem uma mediação significativa entre a memória e a história. A responsabilidade documental da história oral é que dá sentido a memória como tema pra história.<sup>10</sup>

Por conseguinte é imprescindível compreender as particularidades da memória da infância, já que esse trabalho trata das memórias das crianças circenses. As memórias das crianças diferem da dos adultos, pois o tempo que as separa de experiências adquiridas, é curto. Por isso suas memórias não possuem um caráter tão seletivo. As crianças precisam delas para ir se construindo “[...] e abrir mão delas nesse momento causa cisão, fragmentação e extirpação”.<sup>11</sup> Conforme Renata Sieiro Fernandes e Margareth Brandini Park, em relação à memória da infância, elas “[...] precisam de todas as experiências para irem se fazendo cotidianamente”.<sup>12</sup>

Esse trabalho faz parte da linha de pesquisa História da infância. A ideia de infância como objeto de pesquisa é algo recente na historiografia, seu marco é o livro de Phillippe Ariés, “História Social da Criança e da Família”, publicado na década de 1970 na França. O conceito de infância emergiu juntamente com a modernidade

Sobre os conceitos de infância e criança Moysés Kuhlmann Jr e Rogério Fernandes colocam que é: “[...] a concepção ou a representação que os adultos fazem sobre o período inicial da vida, ou como o próprio período vivido pela criança, o sujeito real que vive essa fase da vida”.<sup>13</sup> Deste modo, sendo a criança o sujeito real desse período, compreender a infância significa analisar como elas vivem ou viveram em diferentes tempos e lugares. “<sup>14</sup>

De acordo com Jean Marie Gagnebin, o conceito de infância moderna emergiu, no século XVIII junto com o triunfalismo da sociedade capitalista e burguesa.

[...] essa noção de uma idade profundamente diferente- e a ser respeitada nas suas diferenças- da idade e da vida adultas, que essa ideia é relativamente nova. Sua emergência é geralmente localizada no século

<sup>10</sup> Ibidem.

<sup>11</sup> FERNANDES, Renata Sieiro; PARK, Margareth Brandini. Lembrar-Esquecer: trabalhando com as memórias infantis. In: Cadernos Cedes (Org.). **Filigranas da Memória: Intercâmbios de gerações**. São Paulo: CEDES, 2006. p.53.

<sup>12</sup> Ibidem. p.53.

<sup>13</sup> KUHLMANN Jr., Moysés; FERNANDES, Rogério. **Infância e educação infantil: Uma abordagem histórica**. In: Luciano Mendes Faria Filho (Org.). Belo Horizonte: Autentica, 2004. p.15.

<sup>14</sup> Ibidem. p.15

XVIII, com o triunfo do individualismo burguês no Ocidente e de seus ideais de felicidade e emancipação.<sup>15</sup>

A modernidade trouxe a separação entre a vida adulta e das crianças e conforme Marli de Oliveira Costa, sustentada nos estudos de Carla Boto, originou também, a construção dos lugares específicos das crianças.<sup>16</sup>

A infância a qual esse trabalho trata, é a infância das crianças circenses, que por sua vez diferenciam-se das crianças das cidades, por exemplo, pois além de serem crianças que migram constantemente, participam do mundo do trabalho desde muito cedo.

Esse estudo está dividido em três capítulos. O primeiro nomeado: “O Circo: Uma representação das culturas populares”, dedica a realização de reflexões, sobre o circo, como um representante das culturas populares. Antes da discussão do conceito, foi indispensável à pesquisa sobre a história do circo brasileiro. Um primeira pesquisa foi feita no trabalho de conclusão de curso de Diogo Zomer Perin<sup>17</sup>, “Respeitável Público: Nos picadeiros da vida, lembranças de palhaços- 1950 a 1980”. E por conseguinte, também, na obra de Erminia Silva e Luís Alberto Abreu<sup>18</sup>, “Respeitável Público... O circo em cena”, foram consultas de extrema importância, para a contextualização da história do circo.

Na segunda parte desse capítulo dediquei-me em problematizar o circo, como uma manifestação da cultura popular. Alguns autores, que escrevem sobre cultura popular brasileira, me ofereceram subsídios necessários para essa discussão, como Carlos Brandão<sup>19</sup>, Alfredo Bosi<sup>20</sup> e José Guilherme Cantor Magnani<sup>21</sup>, principalmente por destacarem a ideia de pluralidade da cultura. Apresento também nesse capítulo a inserção das crianças no espaço circense.

O segundo capítulo nomeado “As crianças falam: Histórias de vida de

<sup>15</sup>GAGNEBIN, Jeanne Marie. **Infância e pensamento**. In: GHIRAKDELLI, Paulo Jr. (org). Infância, escola e modernidade. São Paulo: Cortez; Curitiba: Editora da Universidade Federal do Paraná, 1997. p. 83.

<sup>16</sup>COSTA, M. O. **Infância e "artes" das crianças**: memórias, discursos e fazeres (sul de Santa Catarina - 1920 a 1950), 2009. 293 p. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Programa de Pós-Graduação em Educação, Porto Alegre, 2009. p. 44.

<sup>17</sup>PERIN, Diogo Zomer. **Respeitável Público**: Nos picadeiros da vida, lembranças de palhaços - 1950 a 1980. 2013. Trabalho de Conclusão de Curso. (Graduação em História) – Universidade do Extremo Sul Catarinense, Criciúma.

<sup>18</sup>SILVA, Ermínia. ABREU, Luís Alberto de. **Respeitável público... O circo em cena**. Rio de Janeiro: Funarte, 2009.

<sup>19</sup>BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **A educação como cultura**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1985.

<sup>20</sup>BOSI, Alfredo. **Cultura Brasileira**: Temas e situações. São Paulo: Editora Ática, 2000.

<sup>21</sup>MAGNANI, José Guilherme Cantor. **Festa no pedaço** – Cultura popular e lazer na cidade. São Paulo: Editora Brasiliense, 1984, p.13.

crianças circenses em suas famílias e seu trabalho” trata das experiências das crianças circenses entrevistadas para esse estudo. Nele procuro dar ênfase à concepção que percebe as crianças como sujeitos atuantes no meio em que vivem. Observando seus pensamentos e sentimentos. O capítulo é dividido em subtítulos, que referenciam as falas das crianças acerca de suas famílias e seu trabalho.

No terceiro capítulo que está nomeado “As crianças falam: Histórias de vida de crianças circenses em suas brincadeiras e sua educação” a discussão é feita sobre as experiências dessas crianças com as brincadeiras e brinquedos em território circense, ou fora, como na escola. E também sobre a relação que elas possuem com o ambiente escolar.

Embora não tenha nesse estudo foca na cultura popular circense como representação do patrimônio imaterial brasileiro, penso que para além de ser uma contribuição para as histórias das infâncias e das crianças, também se apresenta como um momento de reflexão do patrimônio cultural do Brasil que possui na cultura popular sua manifestação.

## 2 CIRCO: UMA REPRESENTAÇÃO DAS CULTURAS POPULARES

Para discutir a infância circense, objeto desse estudo foi necessário ouvir histórias de vida de algumas crianças que trabalham em circo. Conquanto a compreensão dessas histórias de vida, só foi possível a partir da revisão do conceito de circo, bem como sua história no Brasil.

Inicialmente é importante realçar que o circo passou por inúmeras transformações desde a sua chegada ao Brasil, tanto em suas estruturas física, quanto na organização dos espetáculos. O mesmo acompanha o tempo em que vive ressignificando-se, além de também aderir características culturais dos lugares por onde passa. Segundo registros, a emergência do circo no Brasil se deu no início século XIX, quando famílias europeias compostas por artistas circenses pisaram no país, trazendo consigo “a tradição oral dos seus saberes”.<sup>22</sup>

Porém antes do aparecimento das lonas, apontamentos indicam a existência de artistas que se apresentavam ao ar livre, como em praças e em feiras, os chamados saltimbancos<sup>23</sup>, como Diogo Zomer Perin destaca em seu Trabalho de Conclusão de Curso. Esses desceram em terras brasileiras ainda em época de colônia, muitas vezes por terem sido expulsos do país de origem.

Luiz Nepomuceno<sup>24</sup>, em relação a esses artistas, diz o seguinte:

Esses marginais que aqui aportavam eram também ciganos, expulsos da Europa, os quais tinham diversas habilidades que incluíam: a doma de animais, o ilusionismo e eram exímios cavaleiros.

O circo moderno, desde suas apresentações até o seu formato, de acordo com a historiografia circense, tem como país de origem, a Inglaterra ainda no século XVIII e como criador o suboficial da cavalaria inglesa, Philip Astley. Porém, “Philip Astley recria um circo, que fica fixo em um pavilhão...”<sup>25</sup>

<sup>22</sup>SILVA, Erminia. ABREU, Luís Alberto de. **Respeitável público... O circo em cena**. Rio de Janeiro: Funarte, 2009, p.25.

<sup>23</sup>PERIN, Diogo Zomer. **Respeitável Público: Nos picadeiros da vida, lembranças de palhaços - 1950 a 1980**. 2013. Trabalho de Conclusão de Curso. (Graduação em História) – Universidade do Extremo Sul Catarinense, Criciúma. p.15.

<sup>24</sup>NEPOMUCENO, Luiz. Vai, Vai, Vai Começar a Brincadeira: Em Meios a Uma Gargalhada Tradicional, Algumas Notas Históricas do Desenvolvimento do Circo no Brasil. **Revista Inter-Legere**. Reflexões. N.5 (ISSN 1982-1662), 2009. p.288. Disponível em: <<http://www.cchla.ufrn.br/interlegere/05/pdf/pe04.pdf>>. Acesso em: ago.2014.

<sup>25</sup>SILVA, Erminia. ABREU, Luís Alberto de. **Respeitável público... O circo em cena**. Rio de Janeiro: Funarte, 2009, p. 56.



No Brasil do século XIX, muitos circos percorriam cidades brasileiras, inicialmente em estruturas fixas, como os chamados circos tapa-beco e depois estruturas móveis, como o de pau a pique e também de pau fincado. Estabelecendo-se nas cidades, apenas com a permissão das autoridades locais. O que era chamado de “fazer praça”, como ainda hoje é feito.

Dentre as transformações que o circo passou encontra-se no final do século passado, uma muito significativa na história do circo brasileiro, que foi uma nova maneira de organização e formação dos artistas circenses. “No Brasil, em 1978, ocorreu a primeira experiência voltada para o ensino das artes circenses, para fora do espaço familiar e da lona, que foi a academia Piolin de artes circenses, na cidade de São Paulo”.<sup>26</sup> Essas escolas tinham como objetivo dar continuidade a tradição circense e eram geralmente frutos de artistas tradicionais, resultando na entrada de pessoas que não eram de famílias circenses.

O circo ainda hoje continua em transformação e possui diversas manifestações, dentre elas o circo-família, circo social, circo itinerante, artistas de rua e o circo novo. Um exemplo do circo novo e que é referência do gênero é o *Cirque du Soleil*. Segundo Gilmar Rocha, tanto o circo tradicional, quanto o novo circo, possuem caráter semelhante:

Assim, tanto o circo “tradicional” como o “novo circo” se abrem às mediações ao se fazerem cotidianamente. O fato do chamado “novo circo” estar associado às trupes, aos festivais e as escolas de circo, bem como se abrir aos projetos do “circo social”, não exclui a presença de outros elementos constitutivos do “circo tradicional”, a começar pelo compromisso pedagógico.<sup>27</sup>

Falar de circo no país é também estar falando de uma cultura construída e aqui estabelecida por esses artistas, baseada em suas “tradições e saberes”. Considera-se o circo como uma das representações mais expressivas da cultura popular e que também se redefiniu com o passar do tempo.

## 2.1 CULTURAS POPULARES E O CIRCO

A cultura circense incorpora elementos ao longo do tempo, deve-se então

<sup>26</sup>Ibidem, p.56.

<sup>27</sup>ROCHA, Gilmar. Circo no Brasil - Estado da Arte. **Revista Brasileira de Informação Bibliográfica em Ciências Sociais. BIB 70**. São Paulo, nº 70, 2º semestre de 2010, p. 51-70. p.59. Disponível em: <[http://portal.anpocs.org/portal/index.php?option=com\\_docman&task=catview&gid=160&Itemid=435](http://portal.anpocs.org/portal/index.php?option=com_docman&task=catview&gid=160&Itemid=435)> Acesso em: set.2014.

considerar que a cultura popular não existe em uma unidade. Está sujeita a variações, pois o circo entra em contato com diferentes culturas em suas migrações, sendo em cidades ou áreas rurais. Conforme Alfredo Bosi:

Ocorre, porém, que não existe uma cultura brasileira homogênea, matriz, dos nossos comportamentos e dos nossos discursos. Ao contrário: a admissão do caráter plural é um passo decisivo para compreendê-la como “efeito sentido”, resultado de um processo de múltiplas interações e oposições no tempo e espaço.<sup>28</sup>

De acordo com Burke, a cultura popular moderna pode ser definida inicialmente como: “[...] uma cultura não-oficial, a cultura da não-elite, das ‘classes subalternas’ como chamou-as Gramsci”.<sup>29</sup> Isso de forma ampla, no caso do circo, de uma classe que não pertence a elite e que preserva suas tradições, mas não como algo preso ao passado e sim acompanhando seu tempo, que segundo Marcos Ayla, Maria Ignez e Novais Ayla, em relação as práticas culturais populares, “[...] se reproduzem e atuam como parte de um processo histórico e social que lhes dá sentido no presente, que as transforma e faz com que ganhem novos”.<sup>30</sup>

Uma das características das culturas populares é a sua capacidade de adaptação a elementos externos sem perder sua essência. Em relação ao circo “os elementos que compõem o espetáculo, vão desde a antiga arte circense (incluindo o teatro) até produtos da indústria cultural [...]”,<sup>31</sup> afirma José Guilherme Magnani em sua obra *Festa no Pedaco*. O autor ainda completa exemplificando a presença da indústria cultural nos espetáculos:

[...] Não apenas por intermédio das músicas apresentadas, mas pela estrutura do *show* claramente marcado pelo modelo dos programas radiofônicos de auditória; a peça teatral, por vez, é baseada na letra de uma canção conhecida.<sup>32</sup>

De acordo com o Dicionário de Conceitos Históricos, indústria cultural pode ser definida como:

<sup>28</sup>BOSI, Alfredo. **Cultura Brasileira: Temas e situações**. São Paulo: Editora Ática, 2000, p. 7

<sup>29</sup>BURKE, Peter. **Cultura Moderna Europa, 1500-1800**. São Paulo: Companhia das Letras, 1989, p.25.

<sup>30</sup>AYLA, Marcos; IGNEZ, Maria; AYLA, Novais. **Cultura Popular no Brasil**. São Paulo: Editora Ática, 2002, p.52.

<sup>31</sup>MAGNANI, José Guilherme Cantor. **Festa no pedaço – Cultura popular e lazer na cidade**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1984, p.13.

<sup>32</sup>Ibidem, p.48.

[...] a produção e disseminação de produtos culturais para o consumo em massa, ou seja, o consumo para um grande número de pessoas, em diferentes lugares, independentemente das particularidades culturais. Tal produção é realizada em geral pelos meios de comunicação e está interligada à indústria propriamente dita. Jornais, revistas, periódicos, programas de TV, livros, revistas em quadrinhos, músicas, filmes, são exemplos de produtos culturais que passaram a fazer parte da sociedade de consumo, surgidas nas primeiras décadas do século.<sup>33</sup>

Para os criadores desse conceito, Adorno e Horkheimer, a indústria cultural oferece os bens culturais em forma de mercadorias, aos consumidores, apenas com intenção de lucro, manipulando-os e impossibilitando-os de agirem conscientemente.

A violência da sociedade industrial instalou-se nos homens de uma vez por todas. Os produtos da indústria cultural podem ter a certeza, de que até mesmo os distraídos vão consumi-los alertamente. Cada qual é um modelo da gigantesca maquinaria econômica, que desde o início, não dá folga a ninguém, tanto no trabalho, quando no descanso, que tanto se assemelha ao trabalho.<sup>34</sup>

Também algumas crianças entrevistadas para esse estudo, como será visto no próximo capítulo, trazem elementos da indústria cultural em suas falas sobre os espetáculos no circo que atuam, como o número da “Galinha Pintadinha”, do circo “Vostok” ou as músicas que os palhacinhos dançam em espetáculos, que são músicas veiculadas pelos meios de comunicação de massa. Magnani defende a ideia de que mesmo o circo incorporando elementos de outras culturas, inclusive da indústria cultural, não perde sua essência. O circo usa-se da indústria cultural como estratégia para atrair um maior número de expectadores.

O circo, dessa forma, situa-se a meio caminho entre a indústria cultural e as manifestações espontâneas, mas não é simplesmente um repetidor de uma e outras, pois quando delas se apropria submete-as a um processo de reelaboração, recodificação, produzindo assim um discurso que leva a sua marca.<sup>35</sup>

<sup>33</sup>SILVA, Karina Vanderlei; SILVA, Maciel Henrique. **Dicionário de Conceitos Históricos**. São Paulo: Saraiva, 2012. p.225-226

<sup>34</sup>HORKHEIMER. Max, ADORNO. Theodore. **Dialética do Esclarecimento**: Fragmentos filosóficos. Trad. Guido Antonio de Almeida. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985. p.105.

<sup>35</sup>MAGNANI, José Guilherme Cantor. **Festa no pedaço** – Cultura popular e lazer na cidade. São Paulo: Editora Brasiliense, 1984, p.47.

Essa característica de ajustamento às outras culturas, Carlos Brandão chama de “aspecto dinâmico”.<sup>36</sup> Em seu livro a “Educação como cultura” o autor traz também a discussão de uma reinvenção da cultura popular brasileira no ano de 1960, onde movimentos de cultura popular, compostos por pessoas objetivadas a refletir sobre o tema, fora dos parâmetros oficiais, que vislumbram essa cultura como algo “[...] pirotresco, arcaico, anacrônico, inculto”.<sup>37</sup> Esses movimentos “[...] pensaram o seu papel e a sua atuação tendo como base uma filosofia da História”.<sup>38</sup> Já que por sua vez, o autor compreende os seres humanos como produtores de cultura e que transformam aquilo que os rodeia. Essas pessoas aos poucos

[...] denunciam a intenção de controle político dominante que se oculta sob as vestes das propostas “oficiais” de trabalho político através da ação social. Subordinam a ideia de “desenvolvimento” à de “história” e pensam a história como o lugar cujo horizonte é a “libertação”. Substituem “comunidade” por “classe”, “organização” por “mobilização”, “participação” subalterna no “desenvolvimento” por “direção popular” do “processo da história”, “mudança de atitudes” por “conscientização”, “educação fundamental” por “educação libertadora”, “desenvolvimento de comunidade” por “cultura popular”.<sup>39</sup>

Alfredo Bosi, ao conceituar o tempo na cultura popular, coloca que é cíclico e “o seu fundamento é o retorno das situações e atos que a memória grupal reforça atribuindo-lhes valor”.<sup>40</sup> Ambos os aspectos que a cultura de massa não possui. Erminia Silva e Luis Alberto de Funarte não deixam de reforçar a ideia de que o circo é uma manifestação da cultura popular, ainda que:

[...] também se utilizou dos veículos de comunicação de massa como o rádio e o disco, e nem por isso o seu espetáculo deixou de ser organizado e conformado por saberes e práticas próprios e particulares do circense.<sup>41</sup>

<sup>36</sup> BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **A educação como cultura**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1985, p.70.

<sup>37</sup> AYLA, Marcos; IGNEZ, Maria; AYLA, Novais. **Cultura Popular no Brasil**. São Paulo: Editora Ática, 2002, p.10.

<sup>38</sup> BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **Cultura rebelde**: escritos sobre a educação popular ontem e agora / Carlos Rodrigues Brandão e Raiane Assumpção. – São Paulo: Editora e Livraria Instituto Paulo Freire, 2009. p.49.

<sup>39</sup> BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **A educação como cultura**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1985. p.19.

<sup>40</sup> BOSI, Alfredo. **Cultura Brasileira**: Temas e situações. São Paulo: Editora Ática, 2000, p.11.

<sup>41</sup> SILVA, Erminia. ABREU, Luís Alberto de. **Respeitável público...** O circo em cena. Rio de Janeiro: Funarte, 2009, p. 58.

José Guilherme Magnani problematiza o erro de considerar as transformações um dano à cultura popular. Pois “[...] a cultura, mais que uma soma de produtos, é o processo de sua constante recriação, num espaço socialmente determinado”.<sup>42</sup>

Alfredo Bosi enfatiza a importância da memória do coletivo para que os saberes e tradições da cultura popular não se percam<sup>43</sup>. O circo em suas variadas manifestações inclui a presença de crianças e essas também são portadoras desse legado às próximas gerações. No entanto, a forma como as crianças são vistas participando de sua cultura é bastante casual. Como Carlos Brandão problematiza, a criança é um ser desaculturado em toda bibliografia clássica da antropologia. “[...] Aparece nela esporadicamente, ou então, quando surge do modo significativo, é através da análise de situações rituais onde o processo cultural do rito importa mais do que o seu efeito psicológico sobre o sujeito”.<sup>44</sup>

No circo a cultura popular é repassada de geração a geração por meio das práticas de suas artes e isso vem garantindo a permanência dessa cultura e arte popular por há mais de um século no Brasil. As crianças que moram nos circos participam diretamente dessa cultura e sabem expressar seus significados, assumindo seus papéis e expressando seus aprendizados. Na historiografia circense, a criança também aparece de forma peculiar, normalmente ligada ao trabalho e também como representantes da continuidade da tradição. Participam do trabalho desde cedo, ajudando suas famílias.

Conforme Erminia Silva e Luis Alberto de Funarte “é comum, quando se faz referência ao trabalho infantil no circo, considerá-lo como um capital que requer baixo investimento e dá em troca uma ‘boa’ popularidade”.<sup>45</sup> Inseridas no mundo do trabalho, possuem uma rotina diferente das crianças das cidades, que está dividida entre ter que ensaiar e praticar seus números, frequentar a escola onde quer que estejam e também ter seu momento de lazer.

Ao longo de sua aprendizagem, a criança "aprendia a aprender" para ensinar quando fosse mais velha. O "ritual de iniciação" - aprendizado e estreia - era um rito de passagem, a possibilidade de tornar-se um profissional circense. O contacto com a geração seguinte era permanente, havendo um envolvimento directo na aprendizagem. A partir da

<sup>42</sup>MAGNANI, José Guilherme Cantor. **Festa no Pedaco**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1984, p.18-19.

<sup>43</sup>BOSI, Alfredo. **Cultura Brasileira: Temas e situações**. São Paulo: Editora Ática, 2000. p.13.

<sup>44</sup>BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **A educação como cultura**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1985, p.127.

<sup>45</sup>SILVA, Erminia. ABREU, Luís Alberto de. **Respeitável público... o circo em cena**. Rio de Janeiro: Funarte, 2009, p.85.

adolescência, muitas crianças começavam a ensinar aos mais novos - irmãos, primos, e outros.<sup>46</sup>

Daiane Nagel Acordi, cunhada na expressão “entre-lugares” de Homi Bhabha diz que as crianças ocupam um lugar entre o passado e o futuro, servindo de ligação a esses, pois esta representa a continuação de suas culturas.<sup>47</sup>

O estudo da infância, relacionado aos olhares das crianças, ao “ponto de vista” delas é algo recente nas áreas do conhecimento. A respeito das representações da infância a contemporaneidade trará um elemento novo que é a “heterogeneização da infância enquanto categoria social geracional e o investimento das crianças com novos papéis e estatutos sociais”.<sup>48</sup> Isto dentre as transformações que caracterizam a infância, os tempos contemporâneos apontam para o estudo das várias infâncias que existem dentro de uma infância global, cada qual com as suas particularidades.

Sarmiento chama de “culturas da infância”<sup>49</sup> discutindo as particularidades dessas culturas, construídas pelas crianças. Seguindo essa linha, esse estudo busca compreender a infância circense, como uma das infâncias que circulam pela sociedade.

---

<sup>46</sup>RATO, Paulo Pires. **Crianças, direitos e circo**. Disponível em: <http://pt.scribd.com/doc/9345487/Direitos-Crianças-e-Circo>. Acesso em out.2014.

<sup>47</sup>ACORDI, Daiane Nagel. **A escola como guardiã das culturas populares infantis: experiências da Escola de Educação Básica Jorge Schütz (Turvo - SC)**. UNESCO, 2014. p.86.

<sup>48</sup>SARMENTO, Manuel Jacinto. **As Culturas da Infância nas Encruzilhadas da Segunda Modernidade**. Disponível em: <[http://cedic.iec.uminho.pt/textos\\_de\\_trabalho/textos/encruzilhadas.pdf](http://cedic.iec.uminho.pt/textos_de_trabalho/textos/encruzilhadas.pdf)> Acesso em: jun.2014. p.1.

<sup>49</sup>Ibidem.

### 3 AS CRIANÇAS FALAM: HISTÓRIAS DE VIDA DE CRIANÇAS CIRCENSES EM SUAS FAMÍLIAS E SEU TRABALHO.

A magia que o circo transmite às pessoas é resultado de um grupo de profissionais, que vivem atrás do picadeiro, dedicando-se diariamente para garantir a qualidade do espetáculo. Crianças, jovens e adultos, que se locomovendo pelo mundo carregam em sua maioria a paixão pela arte circense. As crianças, por sua vez, estão inseridas no cotidiano do circo, desempenhando atividades, participando com os adultos dos espetáculos ou praticando números.

Esse segundo capítulo tem intenção de oferecer visibilidade a infância circense por meio, das experiências de vida, adquiridas em seis entrevistas realizadas com crianças artistas de dois circos que passaram pelas cidades de Criciúma e Maracajá, o circo “Vostok”, no primeiro semestre de 2013 e o Circo “Arena Romana”, no primeiro semestre de 2014. Desse modo esse capítulo busca discutir como as crianças circenses percebem suas famílias e o trabalho no circo.

Em razão de preservar a identidade dessas crianças, serão utilizados nomes fictícios para identificá-las. Todas as crianças entrevistadas trabalham no circo, porém nem todas, moram nesse território.

Figura 1 - Identificação das crianças entrevistadas

<b>Nome Fictício:</b>	<b>Idade:</b>	<b>Onde nasceu:</b>	<b>Circo:</b>
João	11 anos	Equador	“Vostok”
Patrícia	13 anos	Esteio	“Vostok”
Luíza	13 anos	Goiania	“Vostok”
Bruna	12 anos	Mato Grosso do Sul	“Vostok”
Gabriele	11 anos	Fronteira entre o Acre e a Bolívia	“Vostok”
Otávio	8 anos	Criciúma	“Arena Romana”

Fonte: Dados da Autora (2013-2014).

Entre as crianças entrevistadas, que fazem parte do circo “Vostok”, está: João, que nasceu no dia quatro de novembro de 2003, tendo atualmente 11 (onze) anos. João possui um irmão de 04 (quatro) anos e pais também artistas de circo. É natural do Equador, por isso muitas vezes, durante a entrevista falava palavras em espanhol. Seus pais e também seu irmão são de nacionalidades diferentes.

Patrícia, que atualmente tem 13 (treze) anos, nasceu no dia 10 de maio

de 2001, mora no circo somente com a mãe que desempenha outras funções neste, como a limpeza e atua na cozinha. Patrícia é natural de Esteio, no Rio Grande do Sul e morava com a mãe no “Vostok” há sete meses quando a entrevista foi realizada.

E também as irmãs Luíza, Bruna e Gabriele. Luíza nasceu em 2001, em Goiânia; Bruna em 2002, no Mato Grosso do Sul e Gabriele, nasceu na divisa entre o Acre e a Bolívia. Os pais das meninas também trabalham no circo. O pai é artista, trabalha no trapézio e é palhaço, sendo que Luiza além de realizar números com bambolês era a mais nova trapezista do “Vostok”. O irmão das meninas fazia um número com o pai onde representava o Pinóquio no “Vostok”. As outras irmãs atuam com bambolê e lira.<sup>50</sup> As meninas quando entrevistadas, faziam parte do circo “Vostok”. Atualmente, estão no circo Belucci.<sup>51</sup>

As Crianças do circo “Vostok” foram entrevistadas pela professora Marli de Oliveira Costa na escola, em março de 2013, mês em que foram seus alunos no 5º ano da E.M.E.I.E. F Moacyr Jardim de Menezes, no Bairro Ceará em Criciúma. Sobre a vinda das crianças do circo para sua classe a professora comenta:

Quando a direção da escola me disse que eu ia receber cinco alunos/as do circo e que ficariam na escola por um mês fiquei apreensiva. Eu nunca, em 30 anos de magistério tinha trabalhado com esse perfil de criança. Tratei de repensar o programa de ensino para aproveitar o conhecimento dessas crianças e oportunizar momentos de trocas com as outras crianças.<sup>52</sup>

Do circo “Arena Romana”, o menino Otávio de 08 (oito) anos, foi por mim entrevistado. Esse circo foi fundado pelo avô do menino, João Rosa da Silva em 1960. O menino não mora no circo, apenas trabalha nos finais de semana em que vai visitar seu pai, que é palhaço desse circo. Os pais da criança são divorciados, por isso ele mora com sua mãe em Tubarão. Otávio possui duas irmãs mais novas, que não trabalham no circo como ele<sup>53</sup>.

Trabalhar com as memórias das crianças é um desafio, pois suas experiências não se afastam muito do tempo em que recordam e no lugar de avaliarem suas experiências elas apresentam suas vivências envolvendo seu jeito

<sup>50</sup>Lira: aro de metal, variação do trapézio, no qual são realizadas diferentes coreografias.

<sup>51</sup>Informações obtidas por rede social.

<sup>52</sup>COSTA, Marli de Oliveira. **Depoimento concedido a Tamires Simões Pinto**. Criciúma- Santa Catarina. out. 2014.

<sup>53</sup>OTÁVIO. **Entrevista concedida a Tamires Simões Pinto**. Circo Arena Romana, Maracajá- Santa Catarina. jun. 2014.



próprio de ver o mundo, cercado pela imaginação e o olhar de quem é criança. No entanto, foi possível perceber em suas falas o que Thompson afirma, que: “[...] a memória de um, pode ser a memória de muitos, possibilitando a evidência dos fatos coletivos”.<sup>54</sup> Nesse sentido a História Oral foi o recurso apropriado pois, “o gravador tem permitido que a fala de gente comum — sua habilidade narrativa, por exemplo — seja, pela primeira vez, seriamente compreendida”.<sup>55</sup>

Conquanto, não se trata de uma história do passado e sim um estudo do presente, que segundo Marieta de Moraes Ferreira, é uma “[...] perspectiva temporal, por excelência da história oral”.<sup>56</sup> Esse trabalho considera também questões da história do tempo presente, discutidas por Agnès Chauveau e Philippe Tétart, como a utilização de certo recuo.<sup>57</sup>

Essas crianças fazem parte de um circo-empresa itinerante, que é o caso do “Vostok” e um circo família-itinerante, o “Arena Romana”. O circo “Arena Romana” pertence à família Maciel da Silva, ambos são rotativos. Para melhor compreensão desses circos, embora possuam algumas semelhanças, Alberto Reynaldo Rodrigues Junior e Paulo Sérgio de Faria classificam ambos os circos como:

Circo-empresa itinerante – aquele que é constituído juridicamente através de CNPJ, razão social, com profissionais registrados em carteira de trabalho. A maioria destes circos possui uma independente estrutura para funcionamento como carretas, motor-homes, trailer, gerador de energia entre outros para que seja instalado e montado em determinado local. São compostas por grande elenco de artistas, lona com capacidade para centenas de pessoas em um só espetáculo, atrações especiais voltado ao público em geral. Apresenta-se em todo território nacional. Exemplo: Circo Spacial, Circo di Napoli, entre outros.<sup>58</sup>

Circo-família itinerante – aquele que se desloca de cidade em cidade ou de bairro em bairro como os circos-empresa, também são juridicamente empresas, mas dificilmente registram profissionais. Em geral este circo é mantido pela família do circo que de geração a geração cultiva a tradição e execução da arte circense. São pequenos e considerados circos de periferia ou “circo mambembe”, voltado para a população de baixa renda e

<sup>54</sup> THOMPSON, Paul. **A voz do passado**. São Paulo: Paz e Terra, 1992. p.17

<sup>55</sup> Ibidem p. 41.

<sup>56</sup> FERREIRA, Marieta de Moraes. **História Oral: Velhas questões, novos desafios**. In: Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo (orgs.). **Novos Domínios da História**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2012. p. 172.

<sup>57</sup> CHAUVEAU, Agnès; TÉTART, Philippe. **Questões para história do presente**. São Paulo: EDUSC, 1999. p.15.

<sup>58</sup> RODRIGUES JUNIOR, Alberto Reynaldo; FARIA, Paulo de Sérgio. **A Importância do Circo como Atrativo Turístico no Século XXI**. Disponível em: <[http://www.circonteudo.com.br/stories/documentos/2566\\_circo%20como%20atracao%20turistica.pdf](http://www.circonteudo.com.br/stories/documentos/2566_circo%20como%20atracao%20turistica.pdf)>. Acesso em: out.2014. p.14

instalados em bairros distantes dos centros urbanos das cidades brasileiras. Exemplo: Circo Panamericano, Circo Estatal de Cuba, entre outros.<sup>59</sup>

A condição de migrantes faz com que elas não possuam um espaço geográfico único, já que o circo está sempre em constante movimento, dificultando inclusive, a construção de identidade delas. Jader Lopes diz o seguinte, sobre a construção da identidade das crianças migrantes:

A infância não se constrói num sentido de verticalidade, ou seja, não se constrói em um local de onde se elabora o sentido de ser criança à medida que cresce: pelo contrário, constrói-se num sentido de horizontalidade, perpassada por vários acontecimentos em seu trajeto, dos quais parecem tirar alguns fragmentos.<sup>60</sup>

Com base nas memórias dessas crianças, procurou-se dar ênfase em algumas atividades a fim de compreender as peculiaridades dessa infância. Elencou-se então: o trabalho, a relação com a escola, à família entre outros, dando visibilidade às práticas cotidianas daqueles que De Certeau chama de “coro dos figurantes, amontoados dos lados”.<sup>61</sup>

### 3.1 AS CRIANÇAS E SUAS FAMÍLIAS

Rodeadas por atividades sociais, que vão além do trabalho ou da escola, as crianças circenses possuem o tempo de estarem com a família, seus pais e irmãos. As famílias são responsáveis pela estadia das crianças no circo. No entanto as situações familiares das crianças entrevistadas são dissemelhantes.

Otávio tem os pais divorciados, o pai é palhaço do circo “Arena Romana” e a mãe mora na cidade de Tubarão em Santa Catarina, com ele e suas irmãs. Com relação à opinião de sua mãe sobre o circo o menino diz: “Minha mãe acha legal o meu trabalho”.<sup>62</sup> O avô de Otávio foi o responsável pela fundação do circo “Arena Romana” e de acordo com o pai da criança o circo encontra-se em sua terceira geração, sendo que Otávio faz parte dessa última. Embora, o menino não esteja

<sup>59</sup>Ibidem.

<sup>60</sup>LOPES, Jader Janer M. Espaço, lugar e territórios de identidade: a invisibilidade das crianças migrantes. In: VASCONCELLOS, V.; SARMENTO, M. **Infância (in)visível**. Araraquara: Junqueira & Marin Editores, 2007b. p.159.

<sup>61</sup>DE CERTEAU. **A invenção do cotidiano**. 5.ed. São Paulo: Editora Vozes, 1994. p.57.

<sup>62</sup>OTÁVIO. **Entrevista concedida a Tamires Simões Pinto**. Circo Arena Romana, Maracajá- Santa Catarina. jun. 2014.

morando no circo, ele nasceu dentro do “Arena Romana”. O pai do menino diz também que ele estaria morando no circo “[...] caso eu não fosse separado”.<sup>63</sup>

Os artistas circenses localizam suas famílias no circo, utilizando o termo gerações. Primeira geração quando eles nasceram no circo, segunda geração quando seus pais, terceira geração quando seus avós e assim por diante.

Diferente de Otávio, João mora com os pais e o irmão no “Vostok” e com exceção do irmão, todos fazem números artísticos. O menino faz parte da 4ª geração da família, nascido em circo, como afirmam. Seus bisavós, avós e pais todos nasceram em circo. João durante a entrevista, conta também como os pais se conheceram: “Bom, eles se conheceram no Equador porque, tinha uma festa de casamento né, daí convidaram meu pai né, ta daí foram, encontraram-se [...] aí se viram se casaram e tiveram nós”.<sup>64</sup>

A família de Luíza, Bruna e Gabrielle, também é constituída pelas três meninas, um menino e seus pais, que não eram de circo. O pai fugiu com o circo quando tinha 12 anos, conta Luíza. “Aí ele começou ensaiar trapézio, aí depois ele começou ensaiar palhaço, numa praça em Rondônia, quando o circo tava em Rondônia, ele conheceu minha mãe”.<sup>65</sup> Essas crianças fazem parte da primeira geração da família, nascida em circo. A mãe das meninas não era de circo e de acordo com Gabriele, a mãe gostaria de morar em uma casa. E Bruna conta, confusa, que não compreende as intenções da mãe.

A minha mãe gosta, gosta. Eu não sei se ela gosta porque de vez em quando ela fala que quer ir pra casa da mãe dela e depois fala que não e depois fala que quer. Aí fala: ‘Então vamos parar’, quer dizer, parar de acompanhar o circo.<sup>66</sup>

Patrícia também tem os pais divorciados e morava com o pai antes de ir para o circo com a mãe. No mês em que foi entrevistada, março de 2013, havia completado sete meses morando no “Vostok”. Patrícia conta que chegou até ele por conta de sua mãe.

---

<sup>63</sup>SAMURAI. **Entrevista concedida a Tamires Simões Pinto.** Circo Arena Romana, Maracajá- Santa Catarina. jun. 2014.

<sup>64</sup>JOÃO. **Entrevista concedida a Marli de Oliveira Costa.** Circo Vostok, Criciúma- Santa Catarina. mar. 2013.

<sup>65</sup>LUÍZA. **Entrevista concedida a Marli de Oliveira Costa.** Circo Vostok, Criciúma- Santa Catarina. mar. 2013.

<sup>66</sup>BRUNA. **Entrevista concedida a Marli de Oliveira Costa.** Circo Vostok, Criciúma- Santa Catarina. mar. 2013.

[...] meu pai ele não gosta de circo mas a minha mãe, ela gosta. Porque também, se a gente for embora do circo a gente vai ter que depender, assim, de aluguel. Porque a minha mãe vendeu a casa dela, entendeu? Aí, então, por isso que a gente tá no circo, mas a minha mãe ela não gosta tanto, de viajar ficar assim de uma cidade pra outra, assim pra ela é um pouco difícil, porque ainda mais que ela é cozinheira, entendeu? Aí ela fica, aí ela tem que fazer comida e chega nas cidades os empregados tão com fome, tá tudo bagunçado e ela tem que fazer comida mesmo assim. Aí então pra ela fica um pouco difícil.<sup>67</sup>

Patrícia não nasceu no circo, sua estadia no espaço circense é recente. A menina defrontou-se com a situação entre morar com o pai ou a mãe, diante da separação do casal. Ao escolher estar com a mãe, precisou adaptar-se a rotina e os trabalhos do circo. Ambas não fazem parte de uma família circense propriamente dita, não nasceram em território circense. Os trabalhos no circo vão além da realização de números artísticos, como é o caso da mãe de Patrícia, a menina faz referência ao trabalho da mãe, como cozinheira, mas no decorrer de sua fala ela diz que a mãe cuida da venda de churros em dias de espetáculos e também da limpeza dos banheiros. De acordo com a menina, a mãe não é a única razão de ela mudar-se para o circo, pois a mesma afirma ter se apaixonado por circo.

É porque assim, o homem que ela tava agora, desde pequeno ele era de circo, aí já tinha vindo nesse circo, então, ele viu que tava em Sapucaia, a gente tava morando em Sapucaia. Ele viu o circo, aí a gente foi lá, foi visitar o circo. Aí depois eu fiquei, eu fui morar com meu pai aí (han.) minha mãe foi trabalhando no circo, só que aí eu não sabia, ela ligou pra mim aí e falou. Eu peguei e fui morar com ela. Porque eu sou apaixonada por circo né. Aí então, eu fui morar com ela.<sup>68</sup>

O contato com a família é normalmente grande e a influência dos pais é efetiva, na escolha de atividades a realizar no espetáculo, principalmente. Otávio por exemplo, apesar de não morar no circo e trabalhar apenas em suas visitas ao pai, é palhacinho, e faz apresentações junto com seu pai que é palhaço do circo “Arena Romana”. Ao ser questionado sobre o que ele mais gosta de fazer no circo o menino diz: “[...] ahh, trabalhar de palhaço, o que eu mais amo”.<sup>69</sup> Otávio encontra-se em circunstância semelhante à de Patrícia, no entanto sua rotina de trabalho limita-se em finais de semana e férias, quando visita o pai no circo. Patrícia parece gostar

<sup>67</sup>PATRÍCIA. **Entrevista concedida a Marli de Oliveira Costa.** Circo Vostok, Criciúma- Santa Catarina. mar. 2013.

<sup>68</sup>Idem.

<sup>69</sup>OTÁVIO. **Entrevista concedida a Tamires Simões Pinto.** Circo Arena Romana, Criciúma- Santa Catarina. jun. 2014.

mais das amizades, das aventuras ter que se apresentar, enquanto Otávio mostra-se feliz em apresentar-se com o pai e da companhia de adultos que o menino normalmente desfruta em suas visitas ao circo.

Luíza, filha do trapezista do circo “Vostok” alega estar seguindo os passos de seu pai, por ensaiar trapézio.<sup>70</sup> O lugar da família é importante e normalmente designa o que a criança irá seguir.

Quando fui visitar o Circo com as crianças da turma. Falei com o pai das três irmãs. O pai contou-me que desde que Luíza tinha seis anos de idade ele fazia ela ensaiar várias horas por dia, que ele investe muito no futuro da menina no circo. A menina era a trapezista mais jovem do “Vostok”, com apenas 12 anos realizava alguns saltos no trapézio. Eu mesma fui assistir duas vezes as apresentações e fiquei assustada, pois o trapézio é um número que requer muita habilidade.<sup>71</sup>

Essa fala da professora ilustra a influência do pai de Luíza no trabalho da menina, que desde que ela tinha seis anos de idade, investe em seu futuro como trapezista e na continuação da tradição circense na família.

Todas as crianças protagonistas desse estudo possuem irmãos, porém alguns deles não trabalham no circo. Patrícia por exemplo, conta que seu irmão mora com a tia deles e que “tem ele de amigo no Facebook”<sup>72</sup> e, é por meio da rede social que se comunicam. Já as três irmãs Luíza, Bruna e Gabriele, possuem um irmão mais novo que elas e que em 2013 apresentava-se em um número denominado de Pinóquio. O pai fazia o papel de Gepeto e o menino de Pinóquio.

Otávio também fala de suas duas irmãs que moram com ele e a mãe em Tubarão. As meninas não são artistas como ele e em relação a elas virem para o circo Otávio diz: “Não sei... Eu convidaria pra elas virem para o circo, mas a opinião é dela né”.<sup>73</sup>

João também tem um irmão e esse é mais novo que ele e segundo menino, “ele fica todo dia em casa ou brinca”.<sup>74</sup> João vem de uma família circense, ele o irmão e os pais nasceram no circo, porém em países distintos. Essa família de

<sup>70</sup>LUÍZA. **Entrevista concedida a Marli de Oliveira Costa.** Circo Vostok, Criciúma- Santa Catarina. mar. 2013.

<sup>71</sup>COSTA, Marli de Oliveira. **Depoimento concedido a Tamires Simões Pinto.** Criciúma- Santa Catarina. out. 2014.

<sup>72</sup>PATRÍCIA. **Entrevista concedida a Marli de Oliveira Costa.** Circo Vostok, Criciúma- Santa Catarina. mar. 2013.

<sup>73</sup>OTÁVIO. **Entrevista concedida a Tamires Simões Pinto.** Circo Arena Romana, Criciúma- Santa Catarina. jun. 2014.

<sup>74</sup>JOÃO. **Entrevista concedida a Marli de Oliveira Costa.** Circo Vostok, Criciúma- Santa Catarina. mar. 2013.

todas as entrevistas era a que mais tinha tradição de circo.

Como visto através das entrevistas feitas, de modo geral as famílias estimulam essas crianças a continuarem as artes circenses, seja pela necessidade do momento, como no caso de Patrícia, ou para dar continuidade à cultura circense. Elas representam a permanência da tradição circense na família. Elas também são responsáveis pelo bem estar das crianças, devem matricula-las na escola e oferecer proteção a elas.

### 3.2 O TRABALHO DAS CRIANÇAS NO CIRCO

As crianças presentes nesse estudo possuem uma árdua rotina de trabalho, apresentando seus números semanalmente. Ademais, passam por uma série de treinamentos diários, para aperfeiçoar suas apresentações. Atualmente, é permitida a inserção de crianças no trabalho artístico, desde que esse seja supervisionado e não ocasione em danos a vida da criança. De acordo com o Manual de atuação do Ministério Público na prevenção e erradicação do trabalho infantil:

[...] o trabalho pode ser exercido, inclusive, por menores de 14 anos, desde que observados uma série de requisitos protetivos, com base nos quais é possível garantir que a prática do trabalho não irá ocasionar os prejuízos típicos que o labor acarreta ao desenvolvimento de uma criança ou adolescente.<sup>75</sup>

Segundo o mesmo o manual, considera-se trabalho artístico:

O trabalho infantil artístico pode ser caracterizado como toda e qualquer relação de trabalho cuja prestação de serviços ocorre por meio de expressões artísticas variadas, por exemplo, no campo do teatro, da televisão, do cinema, do circo e do rádio.<sup>76</sup>

A participação de crianças em atividades artísticas, só acontece mediante a disposição de um alvará, disponibilizado pelo Juiz da Infância e da Juventude, que tem base no artigo 149, II, e §§ 1º e 2º, do Estatuto da Criança e do Adolescente -

<sup>75</sup>MEDEIROS NETO, Xisto Tiago; MARQUES, Rafael Dias. **Manual de Atuação do Ministério Público na Prevenção e Erradicação do Trabalho Infantil**. Conselho Nacional do Ministério Público. Brasília: CNMP, 2013. 132p. Disponível em: <[http://www.mprs.mp.br/areas/infancia/arquivos/manual\\_erradicacao\\_trab\\_infantil.pdf](http://www.mprs.mp.br/areas/infancia/arquivos/manual_erradicacao_trab_infantil.pdf)>. Acesso em out.2014. p.36.

<sup>76</sup>Ibidem p.36.

ECA, que diz o seguinte:

II - a participação de criança e adolescente em:

- a) espetáculos públicos e seus ensaios;
- b) certames de beleza.

§ 1º - Para os fins do disposto neste artigo, a autoridade judiciária levará em conta, dentre outros fatores:

- a) os princípios desta Lei;
- b) as peculiaridades locais;
- c) a existência de instalações adequadas;
- d) o tipo de frequência habitual ao local;
- e) a adequação do ambiente a eventual participação ou frequência de crianças e adolescentes;
- f) a natureza do espetáculo.

§ 2º - As medidas adotadas na conformidade deste artigo deverão ser fundamentadas, caso a caso, vedadas as determinações de caráter geral.<sup>77</sup>

A Consolidação das Leis Trabalhistas (CLT) no artigo 406 também permite aos juízes das Varas de infância e juventude, a autorizarem crianças e adolescentes trabalharem em circos com algumas exceções:

Art. 406. O Juiz de Menores poderá autorizar ao menor o trabalho a que se referem as letras a e b do § 3º. do Art. 405:

I - desde que a representação tenha fim educativo ou a peça de que participe, não possa ser prejudicial à sua formação moral;

II - desde que se certifique ser a ocupação do menor indispensável à própria subsistência ou à de seus pais, avós ou irmãos e não advir nenhum prejuízo à sua formação moral.<sup>78</sup>

Visto que a presença das crianças participando dos espetáculos circenses é permitida por lei, as crianças entrevistadas fazem parte dessa categoria de pequenos artistas. Observa-se em suas falas que ensaios são frequentes e fazem parte de suas rotinas.

[...] ontem eu fiquei ensaiando trapézio. Fiquei até a meia noite, não, era já era quase uma da manhã. Daí eu tava pronto já pra começar tomar café, começar a lavar-me, tava dormindo, me acordei, fiquei com preguiça de levantar.<sup>79</sup>

Sobre o trabalho, João conta que é necessário uma série de treinamentos e ensaios para antes das apresentações, mesmo que isso signifique ter que dormir

<sup>77</sup>BRASIL. **LEI Nº 8.069, DE 13 DE JULHO DE 1990.** Estatuto da Criança e do Adolescente. Brasília, DF. 1990. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/l8069.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l8069.htm)>. Acesso em: out.2014.

<sup>78</sup>BRASIL. **DECRETO-LEI Nº 5.452, DE 1º DE MAIO DE 1943.** Consolidação das Leis do Trabalho. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/decreto-lei/del5452.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto-lei/del5452.htm)>. Acesso em out.2014.

<sup>79</sup>JOÃO. **Entrevista concedida a Marli de Oliveira Costa.** Circo Vostok, Criciúma- Santa Catarina. mar. 2013.

tarde. E completa: “é que meu pai quer que eu seja trapezista. Daí precisa muita prática pra ensaiar trapézio”.<sup>80</sup>

Acerca das atividades das crianças no circo, a professora Marli coloca:

Muitas vezes faltavam as aulas, geralmente no dia que seguia as apresentações. Quando vinham, nas segundas feiras, estavam cansados, com dificuldade de prestarem atenção e às vezes até cochilavam um pouco durante as aulas.<sup>81</sup>

Diante dessa fala da professora Marli, percebe-se que as crianças acabam dormindo pouco, normalmente em dias de espetáculos e isso atinge o desempenho escolar delas, que no dia seguinte estão cansadas e com sono na escola.

Uma das características em comum entre as crianças entrevistadas é que a maioria delas é ou já foi “palhacinho”, pois de acordo com Diogo Zomer Perin, normalmente as crianças circenses iniciam sua carreira com esse número.<sup>82</sup> Mesmo sob influência dos pais, João afirma que as crianças podem escolher seus números. No caso de Patrícia a mãe da menina não é artista e quando ela chegou no circo, começou a ensaiar trapézio.

Aí eu não quis mais porque ... eu balancei com medo aí então eu fiquei assim, acho que uma meia hora parada pendurada e não queria soltar porque eu tinha medo de cair na rede, aí então eu não...eu parei de ensaiar. Porque me deu muito medo. Aí comecei ensaiar contorção, só que a moça que me ensaia contorção, ela abriu muito minhas pernas, coisa que eu não tinha feito. Não fazia ainda sabe?<sup>83</sup>

Patrícia desistiu de ensaiar trapézio e contorção por conta do medo e da dor, optou então por fazer “palhacinho e tá lançando argola”.<sup>84</sup> Segundo a menina a mãe a incentiva com as artes circenses e impulsiona-a escolher um número em que ela “tenha lucro”.<sup>85</sup>

Algo que se fez comum nas falas dessas crianças é a fase do experimento e realização de vários números, seja na busca de um número pelo qual

<sup>80</sup>Idem.

<sup>81</sup>COSTA, Marli de Oliveira. **Depoimento concedido a Tamires Simões Pinto**. Criciúma- Santa Catarina. out. 2014.

<sup>82</sup>PERIN, Diogo Zomer. **Respeitável Público: Nos picadeiros da vida, lembranças de palhaços - 1950 a 1980**. 2013. Trabalho de Conclusão de Curso. (Graduação em História) – Universidade do Extremo Sul Catarinense, Criciúma.

<sup>83</sup>PATRÍCIA. **Entrevista concedida a Marli de Oliveira Costa**. Circo Vostok, Criciúma- Santa Catarina. mar. 2013.

<sup>84</sup>Idem.

<sup>85</sup>Idem.



se identifiquem, pela falta de algum instrumento ou como assegura Luíza: “[...] só fazendo uma coisa a gente já aprende a fazer outra”.<sup>86</sup> A menina conta que começou aos seis anos com contorção<sup>87</sup> “Aí depois comecei ensaiar trapézio, aí depois eu tava já boa no trapézio já passei pro bambolê”.<sup>88</sup> O fato de algumas crianças serem palhacinhos, não as isola dos outros números, como é o caso de Bruna, que faz palhacinho, mas ensaia trapézio e também contorção.<sup>89</sup>

Patrícia ao comentar sobre sua rotina de trabalho, diz ajudar a mãe nas tarefas domésticas e também no trabalho que a mãe realiza no circo. Os ensaios são ocasionados também no período da noite de acordo com a menina.

Eu acordo seis horas, aí, aí eu me arrumo, tomo café, venho pra escola, aí... eu estudo de tarde, aí ao meio dia eu vou pra casa, aí eu arrumo a minha casa, ajudo um pouco a minha mãe, aí depois eu vou brincar. Aí depois as cinco eu tomo um banho, me arrumo, aí às nove horas eu fico pronta pro espetáculo, palhacinho. Depois quando termina o espetáculo eu entro no desfile final, aí quando acaba o espetáculo eu tenho que ajudar minha mãe, a guarda as coisas da venda, fechar os banheiros, aí eu tenho que esperar a minha mãe a acertar a conta, depois eu vou dormir.<sup>90</sup>

Quanto aos ensaios e treinamentos, é algo muito presente no cotidiano dessas crianças para aprenderem e aperfeiçoarem seus números e isso exige tempo e dedicação delas. Mas, além disso necessitam da ajuda de adultos, já que ainda estão em processo de aprendizagem. Luíza e suas irmãs, por exemplo, são ensaiadas por seus pais. Otávio também treina seus números com o pai antes do espetáculo, pois pai e filho apresentam-se juntos. Já João fala da presença de professores de *Crown*, que são responsáveis pelas apresentações dos palhacinhos.

Ensinam... eles começam, eles mudam os palhacinhos. Eles... Por exemplo, a agora aquela música que nós dançávamos, não dançamos mais, porque eles trocaram, hum... Porque a música que dá entre o palhacinho e o Pinóquio e do começo tá colada tudo a música, daí é só isso.<sup>91</sup>

<sup>86</sup> LUÍZA. **Entrevista concedida a Marli de Oliveira Costa.** Circo Vostok, Criciúma- Santa Catarina. mar. 2013.

<sup>87</sup> Contorção; contorcionismo: acrobacia que envolve torções e flexões.

<sup>88</sup> LUÍZA. **Entrevista concedida a Marli de Oliveira Costa.** Circo Vostok, Criciúma- Santa Catarina. mar. 2013.

<sup>89</sup> BRUNA. **Entrevista concedida a Marli de Oliveira Costa.** Circo Vostok, Criciúma- Santa Catarina. mar. 2013.

<sup>90</sup> PATRÍCIA. **Entrevista concedida a Marli de Oliveira Costa.** Circo Vostok, Criciúma- Santa Catarina. mar. 2013.

<sup>91</sup> JOÃO. **Entrevista concedida a Marli de Oliveira Costa.** Circo Vostok, Criciúma- Santa Catarina. mar. 2013.

Quanto suas posturas nas apresentações, as crianças dizem serem criadas por elas mesmas. Luíza por exemplo, diz que se inspira nas bailarinas para ter sua postura e completa dizendo: “Eu quero ser um dia bailarina”.<sup>92</sup>

Figura 2 - Luíza, Bruna e Gabriele em trabalho escolar, realizando junto com sua classe uma apresentação na escola.



Fonte: Marli de Oliveira Costa (2013).

A ilustração acima foi feita em uma apresentação que as meninas artistas do circo “Vostok”, juntamente com seus colegas participaram como parte de um projeto elaborado pela professora Marli, chamado: O mundo do circo. Nessa foto, evidencia o que a Luíza fala sobre sua postura. Com perceptível delicadeza, a menina se coloca em pose de bailarina, na forma como posiciona seus pés e braços. A maneira como suas irmãs Bruna e Gabriele também estão posicionadas, expõe que estão habituadas com apresentações. A postura de Bruna também chama atenção. De braços abertos e sorriso no rosto, a menina mostra-se desinibida e fazer parte de um número de palhaquinho.

As fotografias de crianças podem mostrar a moda, a classe social, vários

<sup>92</sup>LUÍZA. Entrevista concedida a Marli de Oliveira Costa. Circo Vostok, Criciúma- Santa Catarina. mar. 2013.

aspectos. No caso das crianças que trabalham em circo suas fotografias apresentam como seus corpos se diferenciam dos outros corpos das crianças das cidades, por meio do controle de suas posturas.

Figura 3 – Ensaio de Otávio e seu pai



Fonte: Tamires Simões Pinto (2014).

Essa foto foi feita no circo “Arena Romana”, momento em que pai e filho fizeram uma apresentação de ensaio, após terem sido entrevistados. A expressão de felicidade de Otávio deixa evidente também a segurança do menino em estar apresentando-se junto ao seu pai.

O pai de Otávio comentou que o menino tem certa dificuldade com a timidez, nem sempre se mostra seguro como no ensaio presenciado. Todavia o menino rebate dizendo que vence a timidez, pois gosta de ver as pessoas sorrindo e completa dizendo: “meu trabalho é fazer as pessoas rir” .<sup>93</sup>

Patrícia que é palhacinho do “Vostok”, ao falar de como seria um dia de

---

<sup>93</sup>OTÁVIO. **Entrevista Concedida a Tamires Simões Pinto.** Circo Arena Romana, Maracajá- Santa Catarina. jun. 2014.

domingo seu, no circo, menciona-o como um longo dia, em que a mesma vai dormir entorno de três horas da manhã, pois domingo é o dia de pagamento e os palhacinhos são os últimos a receberem.

No domingo eu vou dormir lá por umas três horas, porque domingo é o pagamento. Todo domingo que acaba a semana, é pagamento, aí então lá por umas três horas. É porque os palhacinhos a Galinha Pintadinha, tudo eles recebem por último. Aí então tem que pagar os artistas, os funcionários, as pessoas da venda, lá pelos últimos é a Galinha Pintadinha, os palhacinhos.<sup>94</sup>

Essa fala de Patrícia reflete o papel e o lugar em que as crianças estão inseridas no trabalho. Embora elas também sejam artistas e desempenhem números assim como os adultos, elas ficam por último no pagamento. Elas estão inseridas na economia, mas é evidente a desigualdade entre artistas crianças e adultos na ocupação desses, no espaço de trabalho, que por sua vez é controlado por adultos.

Presente também, nas falas das crianças que protagonizam esse estudo, encontram-se suas perspectivas para o futuro. Luíza diz que gostaria de continuar no circo, já sua irmã Bruna ambiciona outro rumo para sua vida. “Ah... Eu quero ser escritora, quero ter uma casa bem grandona pra minha mãe e um monte de cachorro”.<sup>95</sup> Otávio, apesar de querer estar no circo, deseja ser jogador de futebol<sup>96</sup>, enquanto Patrícia, ao falar de como é a sua vida no circo e suas perspectivas para o futuro, deixa evidente que independente do que faça, estará ao lado da mãe.

[...] a vida no circo é boa assim... é um pouco difícil, porque [tosse] assim, tem coisas que a gente não consegue fazer, que aí os outros ficam zombando da gente, aí fica um pouco difícil, porque as vezes zombam da gente porque a gente não sabe fazer algumas coisas e... assim quando eu for independente, eu continuo, eu vou continuar no circo, só que sim, minha mãe a minha mãe vai ficar comigo, aí eu vou ajudar minha mãe, se a minha mãe quiser sair eu vou sair, porque eu vou ficar com a minha mãe, até o último dia da vida dela, porque ela pode precisar de mim, aí então eu vou ficar com ela.<sup>97</sup>

Embora a menina demonstre gostar da vida no circo, não a encara como

<sup>94</sup>PATRÍCIA. **Entrevista concedida a Marli de Oliveira Costa.** Circo Vostok, Criciúma- Santa Catarina. mar. 2013.

<sup>95</sup>BRUNA. **Entrevista concedida a Marli de Oliveira Costa.** Circo Vostok, Criciúma- Santa Catarina. mar. 2013.

<sup>96</sup>OTÁVIO. **Entrevista concedida a Tamires Simões Pinto.** Circo Arena Romana, Maracajá- Santa Catarina. jun. 2014.

<sup>97</sup>PATRÍCIA. **Entrevista concedida a Marli de Oliveira Costa.** Circo Vostok, Criciúma- Santa Catarina. mar. 2013.

permanente, principalmente ao falar que a mãe não gosta de morar no circo. Patrícia também mostra seu aborrecimento por sofrer humilhação por não conseguir realizar determinado número.

## 4 AS CRIANÇAS FALAM: HISTÓRIAS DE VIDA DE CRIANÇAS CIRCENSES SOBRE SUAS BRINCADEIRAS E SUA EDUCAÇÃO

Esse capítulo visa continuar problematizando as experiências de vidas cotidianas das crianças circenses onde estão inseridos, também, os momentos de brincar e de estudar. Serão apresentadas as brincadeiras dessas crianças, no circo e em outros ambientes, como a escola, e também a relação delas com o estudo, como lidam com o ambiente escolar, principalmente quanto às crianças do circo “Vostok”, que estão sempre mudando de escola.

### 4.1 CRIANÇAS CIRCENSES E SEUS BRINQUEDOS E BRINCADEIRAS.

As crianças circenses dividem sua rotina entre os ensaios e as apresentações dos espetáculos, o tempo de ficar com sua família, de estudar e ainda conseguem brincar.

Sobre o brincar na vida das crianças, Sarmento diz que:

Com efeito, natureza interactiva do brincar das crianças constitui-se como um dos primeiros elementos fundamentais das culturas da infância. O brincar é a condição da aprendizagem e, desde logo, da aprendizagem da sociabilidade. Não espanta, por isso, que o brinquedo acompanhe as crianças nas diversas fases da construção das relações sociais.<sup>98</sup>

“Debaixo da lona” inventam brinquedos e brincadeiras a partir dos materiais disponíveis no próprio circo. Além dos brinquedos e brincadeiras compartilhados por uma infância global a cultura da infância circense dispõe de outros elementos que existem dentro do circo, como conta Patrícia. “[...] Ele montou tecido dele sora [professora] e aí a gente ficou brincando lá no tecido. Aí a gente fez um nó e ficamos nós duas dentro do tecido balançando”<sup>99</sup>.

De acordo com Ana Cristina Coll Delgado e Fernanda Müller, a prática é própria dos grupos infantis, “[...] de criar atividades baseadas no ato de brincar na

<sup>98</sup>SARMENTO, Manuel Jacinto. **As Culturas da Infância nas Encruzilhadas da Segunda Modernidade**. Disponível em: <[http://cedic.iec.uminho.pt/textos\\_de\\_trabalho/textos/encruzilhadas.pdf](http://cedic.iec.uminho.pt/textos_de_trabalho/textos/encruzilhadas.pdf)>. Acesso em: jun.2014. p.16.

<sup>99</sup>PATRÍCIA. **Entrevista concedida a Marli de Oliveira Costa**. Circo Vostok, Criciúma- Santa Catarina. mar. 2013.

imaginação e na interpretação da realidade [...]”<sup>100</sup>. O tecido que serve como elemento de um número artístico do circo para Patrícia e sua amiga serve, também, como um brinquedo. A menina menciona sua amiga na brincadeira com o tecido, além de outras crianças, presentes em suas brincadeiras cotidianas.

A gente, na verdade sora [professora] todas as crianças lá, a gente se reúne sora e faz muitas, muitas, muitas, muitas brincadeiras engraçadas, porque assim quando tem gente mais velha, sempre tá perto da gente a gente faz bastante palhaçada sora. Que aí a gente começa a brincar, a gente ri. Tem uma amiga minha que ela tem 13 anos, mas ela parece assim uma criança que tem 10, eu e ela juntas.<sup>101</sup>

A professora Marli Costa também observou como se davam as brincadeiras das crianças do circo nos momentos livres da escola e como essas crianças brincavam com seus próprios corpos :

Olhe, no recreio ou nos intervalos de uma atividade, as brincadeiras deles eram referentes ao que faziam no circo. Observei algumas vezes ensinado os colegas a realizarem cambalhotas, rodarem nos bambolês ou outras atividades relacionadas ao corpo. Pensei então, o circo atrai as crianças porque estendem os momentos do brincar com o próprio corpo.<sup>102</sup>

As crianças circenses possuem também brincadeiras e brinquedos compartilhados pela infância global. João cita “pega-pega e esconde-esconde”<sup>103</sup> como suas brincadeiras favoritas e seu brinquedo favorito é o “Buzz lightyaer”, “Um brinquedo espacial do filme Toy Story”.<sup>104</sup> Nesse caso, evidencia-se, a inserção da indústria cultural nos brinquedos. Mirte Adriane Varoto e Mauricio Roberto da Silva colocam: “Entre os diversos produtos da Indústria Cultural destinados às crianças, os brinquedos são os que mais seduzem o universo infantil”.<sup>105</sup> Dentre os resultados dessa inserção os autores destacam:

<sup>100</sup> DELGADO, Ana Cristina Coll. MÜLLER, Fernanda. Em Busca de Metodologias Investigativas com as Crianças e suas Culturas. Rio Grande do Sul: **Cadernos de Pesquisa**, v. 35, n. 125, p. 161-179, 2005. p.163. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/cp/v35n125/a0935125.pdf>>. Acesso em: out.2014.

<sup>101</sup> PATRÍCIA. **Entrevista concedida a Marli de Oliveira Costa**. Circo Vostok, Criciúma- Santa Catarina. mar. 2013.

<sup>102</sup> COSTA, Marli de Oliveira. **Depoimento concedido a Tamires Simões Pinto**. Criciúma- Santa Catarina. out. 2014.

<sup>103</sup> JOÃO. **Entrevista concedida a Marli de Oliveira Costa**. Circo Vostok, Criciúma- Santa Catarina. mar. 2013.

<sup>104</sup> Idem.

<sup>105</sup> SILVA, Maurício Roberto da; VAROTT, Mirte Adriane. Brinquedo e Industrial Cultural: Sentidos e significados atribuídos pelas crianças. Santa Catarina: **Motrividência**. Ano XVI. Nº 23, p169-190. Dez./2004. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/motrivivencia/article/view/2034/3906>>. Acesso out.2014. p.171.

O acesso a eles, também trouxe mudanças significativas ao universo lúdico da crianças advindas, também, das mudanças nas relações sociais. Os espaços para brincadeiras, como as ruas, lugar de socialização, foram sendo substituídas pelos espaços domésticos, onde os brinquedos e a televisão passaram a ser os grandes companheiros das crianças.<sup>106</sup>

De acordo com Sarmiento, esse mercado de produtos culturais, contribuí para uma globalização da infância, embora se deva levar em conta que exista a reinterpretação individual da criança concernente a esses produtos.<sup>107</sup>

Observa-se que as brincadeiras das crianças estão diretamente ligadas a seus números e artes no circo. Gabriele por exemplo ensaia monociclo, pois adora brincar de bicicleta. E Otávio conta piadas para os colegas na escola no momento das suas brincadeiras.

Walter Benjamin, em seu estudo: Reflexões sobre a criança, o brinquedo e a educação, destaca que as crianças criam e recriam brincadeiras e também atribuem sentidos aos brinquedos. “A criança quer puxar alguma coisa e torna-se cavalo, quer brincar com areia e torna-se padeiro, quer esconder-se e torna-se bandido ou guarda”.<sup>108</sup>

O momento de brincar assim como para todas as crianças é importante e necessário também para as crianças circenses. Suas falas não ressaltam dificuldades em encontrar tempo para brincar, a dificuldade maior ainda destacada por essas crianças é o momento de estudar.

#### 4.2 AS CRIANÇAS FALAM DA ESCOLA

A escola também é um elemento escolhido para o estudo dessa infância, que foi muito captado nas falas delas. Otávio é a única criança entrevistada, que frequenta uma mesma escola, pois não mora no circo, e por isso tem mais tempo para dedicar-se à escola. Ao ser questionado se ele ensaia em casa, ele diz: “[...] eu ensaio aqui, lá eu só estudo”.<sup>109</sup>

As crianças do circo “Vostok”, no período que estiveram na cidade de

<sup>106</sup>Idem p. 178.

<sup>107</sup>SARMENTO, Manuel. **As Culturas da Infância nas Encruzilhadas da Segunda Modernidade**. Disponível em: <[http://cedic.iec.uminho.pt/textos\\_de\\_trabalho/textos/encruzilhadas.pdf](http://cedic.iec.uminho.pt/textos_de_trabalho/textos/encruzilhadas.pdf)>. Acesso jun./2014. p.9.

<sup>108</sup>BENJAMIN, Walter. **Reflexões sobre a criança, o brinquedo e a educação**. São Paulo: Editora 34, p.93.

<sup>109</sup>OTÁVIO. **Entrevista concedida a Tamires Simões Pinto**. Circo Arena Romana, Maracajá- Santa Catarina. jun. 2014.



Criciúma entre o final do mês de fevereiro e o início do mês de abril, estudaram na Escola Municipal professor Moacyr Jardim de Menezes no Bairro Ceará, como citado anteriormente.

A professora Marli, aproveitando a presença dessas crianças, modificou o planejamento do trimestre, adaptando o conteúdo do Complexo temático<sup>110</sup>, como o trabalho pedagógico intitulado O Mundo do Circo, onde a turma estudou como vivem as crianças de circo. Sobre essa mudança a professora fala:

Nossa escola é organizada por Ciclo de Formação. A organização do currículo nesse modelo de escola parte de temas que fazem parte da realidade das crianças, ou seja, realizamos uma pesquisa no início do ano letivo, para identificar que temas são mais problemáticos, a partir de falas que se repetem. Naquele ano, havíamos identificado a preocupação, de certo modo, com os problemas ambientais que afetam o mundo e havíamos decidido trabalhar a partir do mundo de vida das crianças, destacando seus locais de moradia. Quando as crianças do circo chegaram incluímos o mundo do circo no programa de trabalho pedagógico.<sup>111</sup>

Para compreender a realidade das crianças artistas de circo, a turma fez uma visita ao circo “Vostok”, acompanhados pela professora. Com base nesse projeto, fez-se um trabalho interdisciplinar sobre a compreensão de mundo. Na disciplina de artes, por exemplo, as crianças da turma puderam entrar em contato com as artes circenses. De acordo com a professora obtiveram um bom resultado:

A interação foi muito importante, as crianças trocaram informações e puderam conhecer outra forma de morar, outro jeito de lidar com a vida. As crianças da escola ficaram admiradas e até assustadas com a realidade dos colegas de Circo. Há na escola alguns livros de história que foram escritos em duas línguas, espanhol e português. Bruno lia em espanhol e ensinava os colegas que se interessaram. As aulas de geografia receberam outra dinâmica, pois as crianças do circo viajavam muito e experimentavam a relação espacial de forma diferente das outras crianças.<sup>112</sup>

---

<sup>110</sup>Complexo Temático: é o planejamento das escolas organizadas por ciclo de formação. É a forma de organização curricular, de organizar o conteúdo a ser trabalhado no ano letivo por toda a escola.

<sup>111</sup>COSTA, Marli de Oliveira. **Depoimento concedido a Tamires Simões Pinto**. Criciúma- Santa Catarina. out. 2014.

<sup>112</sup>Idem.

Figura 4 - Apresentação das artes circenses



Fonte: Marli de Oliveira Costa (2013).

Na perspectiva geral das falas das crianças, com exceção de Otávio, que frequenta a escola normalmente, o processo de escolarização dessas crianças migrantes é um dos obstáculos enfrentados por elas cotidianamente, mesmo que existam leis garantindo o direito à educação a essas crianças.

[...] As crianças de circo não frequentam uma única escola por ano, como é o comum. Elas precisam mudar de escola frequentemente durante o período letivo, trocando de instituições de ensino por e depende da necessidade de deslocamento.<sup>113</sup>

Como Gláucia Xavier e Anderson de Oliveira Santos explanam em seu trabalho sobre a Exclusão escolar e as crianças de circo, a frequência em que essas crianças são obrigadas a mudar de escolas varia de bimestre a semana. É uma rotatividade intensa, resultando nas dificuldades das crianças em acompanhar as aulas que nunca são iguais nas diferentes escolas frequentadas.

Luíza, enfatizando a dificuldade que enfrenta para acompanhar os

<sup>113</sup>XAVIER, Glaucia; SANTOS, Anderson de Oliveria. Exclusão escolar e a criança de circo. **Revista Eletrônica de Educação**. São Carlos: UFSCar, v.3, no. 2, p. 118-129. 2009. Disponível em <<http://www.reveduc.ufscar.br>>. Acesso em out.2014. p.119-120.

conteúdos na escola completa dizendo que isso acontece “porque a gente tem que aprender as coisas mais rápido, porque a gente tá sempre viajando”.<sup>114</sup>

Torna-se visível que essas crianças necessitam de uma educação diferenciada, para que não sejam excluídas do ambiente escolar. “Com essa rotatividade escolar, a criança circense torna-se aluno (a) com Necessidade Educacional Especial (NEE)”. Sendo que nesse caso não está relacionado com deficiência do (a) aluno (a) e sim o processo de escolarização dele, que merece uma atenção especial, já que o mesmo passa por dificuldades para acompanhar as atividades devido a rotatividades escolar<sup>115</sup>.

Para fundamentar juridicamente o direito escolar da criança circense citarei o art. 29 da Lei Federal n.º 6.533/78, no que diz respeito ao direito a matrículas e transferências independentemente do período em que essa criança ficará em determinada escola.

Art. 29. Os filhos dos profissionais de que trata esta lei, cuja atividade seja itinerante, terão assegurada a transferência da matrícula e consequente vaga nas escolas públicas locais de 1º e 2º Graus, e autorizada nas escolas particulares desses níveis, mediante apresentação de certificado da escola de origem<sup>116</sup>.

Mas, apesar da dificuldade para efetivarem a matrícula o acesso à escola, tem sido garantido. As maiores dificuldades ainda encontradas pelas crianças, são para acompanharem o currículo. Não esquecendo que além de migrantes também são crianças inseridas no mundo do trabalho.

O entrevistado João do circo “Vostok”, diz que diante a dificuldade escolar possui um método para estudar. “Tenho que passar tudo a limpo, depois tenho que ensaiar parada de mão, depois eu saí pra brincar um pouquinho”<sup>117</sup> O menino diz que sua mãe o ensinou a passar o conteúdo a limpo quando chega em casa da escola, para que ele corrija o que escreveu errado e também pra relembrar o

<sup>114</sup> LUÍZA. **Entrevista concedida a Marli de Oliveira Costa**. Circo Vostok, Criciúma- Santa Catarina. mar. 2013.

<sup>115</sup> XAVIER, Glaucia; SANTOS, Anderson de Oliveria. Exclusão escolar e a criança de circo. Revista Eletrônica de Educação. São Carlos: UFSCar, v.3, no. 2, p. 118-129. 2009. Disponível em <<http://www.reveduc.ufscar.br>>. Acesso em out.2014. p.120.

<sup>116</sup> BRASIL. **Lei nº 6.533 de 27 de Maio de 1978**. Dispõe sobre a regulamentação das profissões de Artistas e de técnico em Espetáculos de Diversões, e dá outras providências. Diário Oficial [da República Federativa do Brasil], Brasília, 24 mai. 1978. Disponível em: <[www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/L6533.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L6533.htm)>. Acesso em: set.2014.

<sup>117</sup> JOÃO. **Entrevista concedida a Marli de Oliveira Costa**. Circo Vostok, Criciúma- Santa Catarina. mar. 2013.

conteúdo. É um método em que a criança encontra para lidar com a dificuldade que enfrenta para acompanhar os conteúdos.

Acerca das dificuldades, a professora Marli coloca:

Logo que chegaram, encaminhamos as quatro meninas para as aulas de reforço que ocorrem em horário extra-classe. As mães vieram na escola e solicitaram um acompanhamento especial. Bruno, não necessitou, o acompanhamento dos pais garantia o sucesso escolar. Quais eram as principais dificuldades? Português, no que diz respeito a apropriação dos símbolos, principalmente da escrita, pois liam bem e da matemática na organização estrutural das operações, pois “de cabeça”, como se fala no cotidiano, resolviam a maioria das operações.<sup>118</sup>

Diante da fala da professora Marli, constata-se que o método de estudo utilizado por João e o acompanhamento de seus pais, garantiam um bom desempenho escolar do menino.

De acordo com Jonas, toureiro do circo “Arena Romana” e primo de Otávio, um dos principais motivos de não haverem mais crianças, atualmente, no circo da família, é o acesso à escola. Isso, também, segundo suas experiências, pois Jonas conta que cresceu no circo e formou-se no ensino médio trabalhando no circo. Contudo, hoje Jonas também não mora no circo, pois sua família adquiriu moradia fixa.

Mas como na nossa época a gente não tinha moradia fixa a nossa casa era o circo, não tinha pra onde ir né! Hoje a gente tem residência em Criciúma, ele tem residência em Tubarão né! A questão do estudo é o principal motivo de não tá mais participando, né! Integralmente e ficar durante a semana e acompanhar a companhia, o principal motivo é o estudo e também a questão de estrutura, que hoje tem uma estrutura fixa, entendeu, de residência que antigamente não tinha. Daí a gente acompanhava o circo, estudava né. Eu consegui formar o meu primeiro grau, consegui fazer curso.<sup>119</sup>

No geral, a relação com os colegas é positiva. João conta que na escola seus colegas de classe respeitam seu trabalho e gostam. “Ah... eles mandam eu contar piada na escola, me chamam de palhaço... É, brincam comigo direto”.<sup>120</sup>

Foi possível observar as dificuldades de inserção escolar no cotidiano dessas crianças. Não só pela alta rotatividade do circo, como também por terem que

<sup>118</sup>COSTA, Marli de Oliveira. **Depoimento concedido a Tamires Simões Pinto**. Criciúma- Santa Catarina. out. 2014.

<sup>119</sup>JONAS. **Entrevista concedida a Tamires Simões Pinto**. Circo Arena Romana, Maracajá- Santa Catarina. jun. 2014.

<sup>120</sup>OTÁVIO. **Entrevista concedida a Tamires Simões Pinto**. Circo Arena Romana, Maracajá- Santa Catarina. jun. 2014.

conciliar com o trabalho, principalmente.

Por meio das entrevistas pude concluir que apesar das dificuldades essas crianças são regularmente matriculadas, exceto Otávio, que pode se dedicar durante a semana, apenas à escola.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Reflexões foram feitas acerca do “universo” da criança circense, no decorrer desse trabalho para compreensão dessa infância. Foi necessário ouvi-las e captar os seus “pontos de vista” sobre suas culturas da infância, levando-se em conta a “pluralização da infância” que Sarmiento<sup>121</sup> traz como elemento fundamental para os novos estudos sobre as culturas da infância.

O circo em suas diversas representações passou por inúmeras mudanças e embora ele tenha absorvido elementos da indústria cultural, pode ser considerado um dos grandes representantes das culturas populares brasileiras, que incorporou elementos de várias culturas, sem perder sua essência.

Na busca pela compreensão da infância circense e do espaço ocupado por essas crianças na sociedade atual, observei como se organizam cotidianamente dentro do território circense, como dividem o seu tempo familiar, escolar, de brincar. Percebe-se que elas possuem uma cultura própria, construída por elas mesmas, estas crianças, que fazem parte de uma de infância vinculada ao trabalho, uma exceção, pois juridicamente é proibido o trabalho de crianças.

Dentre as distinções entre os circos presentes nesse estudo está o fato da inexistência de crianças morando no circo “Arena Romana” enquanto no “Vostok”, existem várias crianças morando, trabalhando e migrando junto com o circo. Sendo assim, dois casos de infâncias ligadas ao circo, porém a infância de Otávio se parece mais com o ideal de infância moderna.

Compreendo que o trabalho dessas crianças no circo trata-se antes de qualquer coisa, da aprendizagem das artes circenses, que dependem normalmente da influência da família. As crianças continuam sendo vistas como as portadoras do legado circense e são responsáveis pela continuação. O pai de Otávio deixa claro em sua fala, quando me diz: “esse aí é o novo moleza”.<sup>122</sup>

Em relação ao momento de brincar dessas crianças, o mesmo está extremamente vinculado às artes circenses, mesmo o trabalho delas é visto como um algo prazeroso. Elas contam que gostam de fazer as pessoas felizes e sentem-

---

<sup>121</sup>SARMENTO, Manuel. **As Culturas da Infância nas Encruzilhadas da Segunda Modernidade**. Disponível em: <[http://cedic.iec.uminho.pt/textos\\_de\\_trabalho/textos/encruzilhadas.pdf](http://cedic.iec.uminho.pt/textos_de_trabalho/textos/encruzilhadas.pdf)> Acesso em: 29 out. 2014, p.1

<sup>122</sup>SAMURAI. **Entrevista concedida a Tamires Simões Pinto**. Circo Arena Romana, Maracajá-Santa Catarina. jun. 2014.

se orgulhosas em contar que fazem parte dos números.

A escola, de modo geral é vista como o maior obstáculo enfrentado pelas crianças circenses, ainda que existam leis que garantem o direito ao estudo para elas. Essas crianças possuem dificuldade de acompanhar os conteúdos, pois estão sempre trocando de escola e também porque encontram problemas em arrumar tempo para estudar, já que precisam ensaiar, se apresentar e, também, brincar. É notável que precisam de uma atenção especial para um melhor desempenho, visto isso nas falas das próprias crianças e da professora Marli. No caso de João, a criança utiliza um método de estudo em casa, ensinado pela mãe. Enquanto, as meninas do circo “Vostok”, foram encaminhadas para as aulas de reforço, pela professora, devido as suas dificuldades.

A maioria das crianças entrevistadas contam estarem felizes no circo, contudo algumas delas mostram-se indecisas com o fato da permanência no futuro nesse ambiente, ou mesmo afirmam que futuramente gostariam de estar realizando outras atividades, como contam Bruna e Otávio.

Entendo que a infância muda conforme o contexto social das crianças e que as crianças são construtoras de seu lugar na sociedade, são diversas as diferenças entre o cotidiano dessas crianças circenses e de algumas crianças da cidade, por exemplo, que estudam por anos na mesma escola, não trabalham e que comumente possuem moradia fixa.

Com o término desse trabalho de conclusão de curso considero que uma série de estudos podem ser feitos acerca da infância circense, tema do qual observei carência de estudos referentes, visto que essa é uma infância que merece ser vista de forma diferenciada. Pesquisas referentes à infância circense além contribuírem com a história da infância, ajudam na valorização da cultura circense.

## REFERÊNCIAS

ABRÃO, Janete. **Pesquisa & História**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2007.

ACORDI, Daiane Nagel. **A escola como guardiã das culturas populares infantis: experiências da Escola de Educação Básica Jorge Schütz (Turvo - SC)**. UNESC, 2014.

AYLA, Marcos. IGNEZ, Maria. AYLA, Novais. **Cultura Popular no Brasil**. São Paulo: Editora Ática, 2002.

BENJAMIN, Walter. **Reflexões sobre a criança, o brinquedo e a educação**. São Paulo: Editora 34, p.93.

BOSI, Alfredo. **Cultura Brasileira: Temas e situações**. São Paulo: Editora Ática, 2000, p.7

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **A educação como cultura**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1985.

\_\_\_\_\_; ASSUMPÇÃO, Raiane. **Cultura rebelde: escritos sobre a educação popular ontem e agora**. São Paulo: Editora e Livraria Instituto Paulo Freire, 2009.

BRASIL. **Decreto-lei N.º 5.452, de 1º de maio de 1943**. Consolidação das Leis do Trabalho. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/decreto-lei/del5452.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto-lei/del5452.htm)>. Acesso em out.2014.

\_\_\_\_\_. **Lei nº 6.533 de 27 de Maio de 1978**. Dispõe sobre a regulamentação das profissões de Artistas e de técnico em Espetáculos de Diversões, e dá outras providências. Diário Oficial [da República Federativa do Brasil], Brasília, 24 mai. 1978. Disponível em: <[www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/L6533.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L6533.htm)> . Acesso em: set.2014.

BRUNA. **Entrevista concedida a Marli de Oliveira Costa**. Circo Vostok, Criciúma-Santa Catarina. mar. 2013.

BURKE, Peter. **Cultura Popular na Idade Moderna- Europa, 1500-1800**. São Paulo: Companhia das letras, 1989.

CHAUVEAU, Agnès; TÉTART, Philippe. **Questões para história do presente**. São Paulo: EDUSC, 1999. p.15.

COSTA, Marli de Oliveira. **Infância e "artes" das crianças: memórias, discursos e fazeres (sul de Santa Catarina - 1920 a 1950)**, 2009. 293 p. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Programa de Pós-Graduação em Educação, Porto Alegre. p.44.

COSTA, Marli de Oliveira. **Depoimento concedido a Tamires Simões Pinto**. Criciúma- Santa Catarina. out. 2014.



DE CERTEAU. **A invenção do cotidiano**. 5.ed. São Paulo: Editora Vozes, 1994. p.57.

DELGADO, Ana Cristina Coll. MÜLLER, Fernanda. Em Busca de Metodologias Investigativas com as Crianças e suas Culturas. Rio Grande do Sul: **Cadernos de Pesquisa**, v. 35, n. 125, p. 161-179, 2005. p.163. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/cp/v35n125/a0935125.pdf>>. Acesso em: out.2014.

FERNANDES, Renata Sieiro. PARK, Margareth Brandini. Lembrar-Esquecer: trabalhando com as memórias infantis. In: Cadernos Cedes (Org.). **Filigranas da Memória**: Intercâmbios de gerações. São Paulo: CEDES, 2006.

FERREIRA, Marieta de Moraes. História Oral: Velhas questões, novos desafios. In: Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo (orgs.). **Novos Domínios da História**. Rio de Janeiro; Elsevier, 2012. p. 172.

GABRIELE. **Entrevista concedida a Marli de Oliveira Costa**. Circo Vostok, Criciúma- Santa Catarina. mar. 2013.

GAGNEBIN, Jeanne Marie. Infância e pensamento. In: GHIRAKDELLI, Paulo Jr. (org). **Infância, escola e modernidade**. São Paulo: Cortez; Curitiba: Editora da Universidade Federal do Paraná, 1997. p.83.

HORKHEIMER. Max, ADORNO. Theodore. **Dialética do Esclarecimento**: Fragmentos filosóficos. Trad. Guido Antonio de Almeida. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985. p.105.

HUFF JÚNIOR, Arnaldo Érico. Campo religioso brasileiro e História do Tempo Presente - Anais do II Encontro Nacional do GT História das Religiões e das Religiosidades. **Revista Brasileira de História das Religiões**. São Paulo, v.1, n.3, 2009.

JOÃO. **Entrevista concedida a Marli de Oliveira Costa**. Circo Vostok, Criciúma- Santa Catarina. mar. 2013.

JONAS. **Entrevista concedida a Tamires Simões Pinto**. Circo Arena Romana, Maracajá- Santa Catarina. jun. 2014.

KUHLMANN Jr, Moysés. **Infância e educação infantil**: Uma abordagem histórica. In: Luciano Mendes Faria Filho (Org.). Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1996.

LOPES, Jader Janer M. Espaço, lugar e territórios de identidade: a invisibilidade das crianças migrantes. In: VASCONCELLOS, V.; SARMENTO, M. **Infância (in)visível**. Araraquara: Junqueira & Marin Editores, 2007b. p.159.

LUÍZA. **Entrevista concedida a Marli de Oliveira Costa.** Circo Vostok, Criciúma-Santa Catarina. mar. 2013.

MACHADO, Eduardo de Andrade. História do Tempo Presente: um desafio possível. **Revista Eletrônica Boletim do Tempo**, Ano 5, Nº06, Rio, 2010. p.s/n. Disponível em: <[http://tempopresente.org/index.php?option=com\\_content&view=article&id=5310:historia-do-tempo-presente-um-desafio-possivel&catid=36&Itemid=127](http://tempopresente.org/index.php?option=com_content&view=article&id=5310:historia-do-tempo-presente-um-desafio-possivel&catid=36&Itemid=127)>. Acesso em: jun.2014.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. **Festa no pedaço** – Cultura popular e lazer na cidade. São Paulo: Editora Brasiliense, 1984.

MEDEIROS NETO, Xisto Tiago; MARQUES, Rafael Dias. **Manual de Atuação do Ministério Público na Prevenção e Erradicação do Trabalho Infantil.** Conselho Nacional do Ministério Público. Brasília: CNMP, 2013. 132p. Disponível em: <[http://www.mprs.mp.br/areas/infancia/arquivos/manual\\_erradicacao\\_trab\\_infantil.pdf](http://www.mprs.mp.br/areas/infancia/arquivos/manual_erradicacao_trab_infantil.pdf)>. Acesso em out.2014. p.36.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom. **Manual de História Oral.** 5.ed. São Paulo: Edições Loyola, 2005, p. 165

NEPOMUCENO, Luiz. Vai, Vai, Vai Começar a Brincadeira: Em Meios a Uma Gargalhada Tradicional, Algumas Notas Históricas do Desenvolvimento do Circo no Brasil. **Revista Inter-Legere.** Reflexões. nº5 (ISSN 1982-1662), 2009. p.288. Disponível em: <<http://www.cchla.ufrn.br/interlegere/05/pdf/pe04.pdf>>. Acesso em: ago.2014.

OTÁVIO. **Entrevista concedida a Tamires Simões Pinto.** Circo Arena Romana, Maracajá- Santa Catarina. jun. 2014.

PATRÍCIA. **Entrevista concedida a Marli de Oliveira Costa.** Circo Vostok, Criciúma- Santa Catarina. mar. 2013.

PERIN, Diogo. **Respeitável Público:** Nos picadeiros da vida, lembranças de palhaços - 1950 a 1980. 2013. Trabalho de Conclusão de Curso. (Graduação em História) – Universidade do Extremo Sul Catarinense, Criciúma.

RATO, Paulo Pires. **Crianças, direitos e circo.** Disponível em: <<http://pt.scribd.com/doc/9345487/Direitos-Crianças-e-Circo>>. Acesso em out.2014.

ROCHA, Gilmar. Circo no Brasil - Estado da Arte. Revista Brasileira de Informação Bibliográfica em Ciências Sociais. **BIB 70.** São Paulo, nº 70, 2º semestre de 2010, p. 51-70. p.59. Disponível em: <[http://portal.anpocs.org/portal/index.php?option=com\\_docman&task=cat\\_view&gid=160&Itemid=435](http://portal.anpocs.org/portal/index.php?option=com_docman&task=cat_view&gid=160&Itemid=435)>. Acesso em: set.2014.

RODRIGUES JUNIOR, Alberto Reynaldo; FARIA, Paulo de Sérgio. **A Importância do Circo como Atrativo Turístico no Século XXI.** disponível em:

<[http://www.circonteudo.com.br/stories/documentos/2566\\_circo%20como%20atracao%20turistica.pdf](http://www.circonteudo.com.br/stories/documentos/2566_circo%20como%20atracao%20turistica.pdf)>. Acesso em: out.2014. p.14

SAMURAI. **Entrevista concedida a Tamires Simões Pinto**. Circo Arena Romana, Maracajá- Santa Catarina. jun. 2014.

SARMENTO, Manuel Jacinto. **As Culturas da Infância nas Encruzilhadas da Segunda Modernidade**. Disponível em: <[http://cedic.iec.uminho.pt/textos\\_de\\_trabalho/textos/encruzilhadas.pdf](http://cedic.iec.uminho.pt/textos_de_trabalho/textos/encruzilhadas.pdf)>. Acesso em: jun.2014.

SILVA, Ermínia; ABREU, Luís Alberto de. **Respeitável público... O circo em cena**. Rio de Janeiro: Funarte, 2009, p.25.

SILVA, Karina Vanderlei; SILVA, Maciel Henrique. **Dicionário de Conceitos Históricos**. São Paulo: Saraiva, 2012. p.225-226

SILVA, Maurício Roberto da; VAROTT, Mirte Adriane. Brinquedo e Industrial Cultural: Sentidos e significados atribuídos pelas crianças. Santa Catarina: **Motrividência**. Ano XVI. Nº 23, p169-190. Dez./2004. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/motrivivencia/article/view/2034/3906>>. Acesso out.2014>. p.171.

THOMPSON, Paul. **A voz do passado**. São Paulo: Paz e Terra, 1992.

XAVIER, Glaucia; SANTOS, Anderson de Oliveria. Exclusão escolar e a criança de circo. **Revista Eletrônica de Educação**. São Carlos: UFSCar, v.3, no. 2, p. 118-129. 2009. Disponível em <<http://www.reveduc.ufscar.br>>. Acesso em out.2014. p.119-120.

**ANEXO(S)**

### **ANEXO A- Estrutura para Entrevista**

Nome:

Idade:

Data de Nascimento:

Nome dos pais:

Onde nasceu?

Como chegou ao circo?

Em que circo trabalha?

O que faz no circo?

O que mais gosta de fazer no circo?

Como é o seu dia-a-dia no circo?

Em quantos circos já trabalhou e há quanto tempo está no atual circo?

Possuí irmãos?

Qual atividade realizada pelos pais no circo?

Quem ensaia as crianças no circo?

Quais suas brincadeiras e brinquedos favoritos?

Qual a maior dificuldade de uma criança no circo?

Já dormiu em uma casa?

Como é o seu dia-a-dia na escola?

Pretendes continuar no circo quando crescer? Ou que atividade gostarias de realizar?